

IMAGEM E MEMÓRIA DOS

Avá-Guarani

PARANAENSES



Casemiro Karai Verá Poty
Pereira Centurião

Simão Tupã Retã Viliálva
Teodoro Tupã Alves

Organização:
Clovis Antonio Brighenti
Osmarina de Oliveira

EDUNILA

Casemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião
Simão Tupã Retã Viliálva
Teodoro Tupã Alves

IMAGEM E MEMÓRIA DOS

Avá-Guarani

PARANAENSES

Organização
Clovis Antonio Brighenti
Osmarina de Oliveira

Foz do Iguaçu

EDUNILA

Editora da
Universidade Federal da
Integração Latino-Americana

2020

Catálogo na Publicação (CIP)

I31 Imagem e Memória dos Avá-Guarani Paranaenses/ Clovis Antonio Brighenti (Org.); Osmarina de Oliveira (Org.). Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020.

168 p.: il.

ISBN: 978-65-86342-05-5

1. História do Brasil. 2. Índios Avá-Guarani. 3. Oeste do Paraná. 4. Entrevistas. I. Brighenti, Clovis Antonio. II. Oliveira, Osmarina. III. Título.

CDU 94(=1.81=82)(816.2A/Z)

Catálogo na fonte: Bibliotecário Leonel Gandi dos Santos CRB 11/753

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização prévia, por escrito, da editora. Direitos adquiridos pela EDUNILA – Editora Universitária.

EDUNILA – Editora Universitária
Av. Tancredo Neves, 6731 – Bloco 4
Caixa Postal 2044
Foz do Iguaçu – PR – Brasil
CEP 85867-970
Fones: +55 (45) 3529-2749 | 3529-2770 | 3529-2788
editora@unila.edu.br
www.unila.edu.br/editora

Editora associada à
 Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Gleisson Pereira de Brito *Reitor*
Luis Evelio Garcia Acevedo *Vice-reitor*

EDUNILA – EDITORA UNIVERSITÁRIA

Mario René Rodríguez Torres *Coordenador-geral*
Edson Carlos Thomas *Administrador*
Francieli Padilha Bras Costa *Programadora visual*
Leonel Gandi dos Santos *Bibliotecário-documentalista*
Natalia de Almeida Velozo *Revisora de textos*
Nelson Figueira Sobrinho *Editor de publicações*
Ricardo Fernando da Silva Ramos *Assistente em administração*

CONSELHO EDITORIAL

Mario René Rodríguez Torres *Coordenador da Editora Universitária*
Natalia de Almeida Velozo *Representante da Coordenação Executiva*
Elaine Aparecida Lima *Representante dos técnico-administrativos em educação da UNILA*
Yuli Andrea Ruiz Aguilar *Representante dos discentes da UNILA*
Ulises Bobadilla Guadalupe *Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT – UNILA)*
Laura Márcia Luiza Ferreira *Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH – UNILA)*
Marcela Boroski *Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza (ILACVN – UNILA)*
Debbie Guerra *Universidad Austral de Chile*
Norma Hilgert *Universidad Nacional de Misiones (Argentina)*
María Constantina Caputo *Universidade Federal da Bahia (UFBA)*
Daniela Birman *Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)*

EQUIPE EDITORIAL

Natalia de Almeida Velozo *Revisão de textos*
Francieli Padilha Bras Costa *Projeto gráfico, capa e diagramação*
Leonel Gandi dos Santos *Normalização bibliográfica*

SUMÁRIO



Apresentação	7
Prefácio	11
Introdução	17
Locais antigos	19
Tempo de antes: o roubo das terras	23
Expulsão pelo Incra	51
Expulsão pela Itaipu	57
Sarambi (esparramo)	61
O contra laudo desmascara a Itaipu e a Funai	75
Transferência para o Ocoy	83
Escola como espaço de formação de lideranças	139
Construção de alianças	155
Utopia e esperança	167

APRESENTAÇÃO



Vou comentar sobre a história deste livro. Neste livro é contada a história da vivência do povo Guarani no oeste do Paraná.

Mas a nossa história não começou com o que está nesse livro. Porque antes do branco invadir o oeste do Paraná, o Guarani fazia sua casinha aqui, fazia casinha ali, fazia a rocinha para plantar, caçar, pescar, tudo era nossa vivência, não tinha preocupações, não tinha vários compromissos com o branco. Aquele tempo era tudo mato, tinha remédio e água boa, frutas e tudo que a gente precisava. O Guarani não tinha preocupação com nada. Sobre a educação, a gente tinha mais tempo de aconselhar as crianças e manter a criança como a gente queria, porque na época não tinha escola nem jogo de futebol. Depois, com a vinda dos brancos, mudou tudo.

Então, este livro vem falar dessa mudança, de como nossa terra foi roubada; vem falar da continuidade da luta pela terra e, principalmente, de como a história do nosso povo pode ajudar a recuperar parte de nossa terra, que era nossa natureza.

Há poucos dias eu estava na sala de aula aqui no nosso colégio falando sobre a história do Ocoy/Jacutinga e a mudança para esse Tekoa aqui no Ocoy. Aí as crianças fizeram a pergunta: “Por que vocês vieram de lá?” Expliquei que viemos pra cá por causa de represa de Itaipu. A Itaipu ia fechar o rio Paraná para funcionar as turbinas para gerar energia, a água ia aumentar e a aldeia Ocoy/Jacutinga ia ficar debaixo d’água. Então a Itaipu e a Funai transferiram nossos parentes para cá, para não acontecer afogamento.

Quando o nosso povo ficou sabendo da construção da hidrelétrica, ficou assustado, não entendia muito bem o que iria acontecer. A Itaipu disse que iria fechar o rio Paraná, que a água iria subir e que tínhamos que sair, ir embora dali. Depois de muita conversa, pressão, viagens e documentos, a Itaipu concordou em dar este lugarzinho. Mas esse lugar era muito pequeno. Mas como a água ia subir fomos obrigados vir pra cá por causa de Itaipu. Então a vinda pra esse lugar foi sem querer, fomos obrigados a vir pra cá, nós queria ficar na nossa terra. Não fomos nós que escolhemos esse lugar, naquele momento não tinha opção.

Esse livro terá grande serventia para nosso povo e nossa comunidade. Ele serve para quem está estudando na escola. A escola deve ter muitas cópias, todos os alunos devem ter uma cópia. Ele serve também para a liderança, porque ele ajuda a liderança a entender melhor o que aconteceu com nosso povo. Ele serve para todas as comunidades Guarani da região. Ele serve também para os brancos, que chamamos *Juruá Kuery*, porque eles também precisam conhecer nossa história, saber o que aconteceu com nosso povo.

Portanto, o livro serve para os alunos, para as lideranças e para o jovem principalmente, por causa da terra. Esse livro ajuda a entender o que aconteceu com nossa terra, nos fortalece porque temos que manter, segurar e aumentar nossa terra. Esse livro é fundamental para nossa liderança para ajudar na continuação da luta.

A gente sempre contou essa história, nunca esquecemos dela, mas agora tem as fotografias para confirmar. Essas fotografias mexeram muito com as pessoas, porque várias pessoas que aparecem nas fotos já morreram, muitos lugares não existem mais. Fez lembrar os tempos passados, lembrar dos parentes que tão longe. Muitos cemitérios ficaram embaixo d’água, nunca retiraram os corpos de nossos parentes, dos *Juruá Kuery* sim, mas do Guarani não.

Esse livro deu um susto na minha esposa, porque tinha a foto da tia dela, tinha a foto da avó dela. Quando ela olhou nessa foto que viu os antigos ela ficou em estado de choque. Ela ficou emocionada, ela nunca tinha visto essas fotos. Ela pegou o livro, pegou de novo, eu nem falei nada, aí eu anotei alguma coisa, aí ela começou ver as pessoas antigas, tinha dona Francisca, vó dela, tinha dona Isadora, tia dela, tinha o Felipe Romero, que era nosso compadre, padrinho da minha filha Inácia, tinha várias pessoas. Ela ficou muito assustada. Ficamos “meio assim”, por uma semana ficamos sem olhar esse livro. Eu disse: “Calma! É parte de nosso passado, não temos como mudar, mas ao menos temos que contar a história para nosso filho!” Outras pessoas também ficaram emocionadas lembrando a antiga aldeia do Jacutinga que está embaixo da água, lembrando das pessoas que lutaram para manter a comunidade unida, que lutaram pela terra, também das pessoas que fazem parte das nossas vidas, nossos amigos e parentes.

Esse livro ajuda a gente ter uma história. Traz algumas explicações e imagens que garantem que tudo isso aconteceu de verdade. Traz imagens de gente que vivia nesse tempo entre nós. Estamos vivendo agora tudo isso de novo, pelo menos a continuação dessa história.

Esperamos que esse livro ajude bastante.

Tekoa Ocoy, janeiro de 2019
Casemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião

PREFÁCIO



“O futuro chega com toda força”! Esse era o lema de Itaipu estampado nos jornais da década de 70.

De fato, o futuro chegou com toda força: para alguns representou dinheiro e poder; para o povo Guarani, se revelou um futuro desastroso, esbulho das terras e mais violência. Na medida em que o rio Paraná ia sendo fechado, o medo e a insegurança pairavam nas mais de 50 aldeias nas margens do rio. Na margem direita, 36 Tekoha ficaram extintos; na margem esquerda, ao menos 19. Foi um esparramo geral, que na língua guarani é chamado de “sarambi”. Na margem esquerda do rio ficaram algumas poucas famílias Guarani que heroicamente resistiam na foz do rio Ocoy, no lugar denominado Jacutinga por conta do nome do outro riacho que também fazia a foz ali.

Ignorados na sua presença, violentados pelo Incra que desejava as terras para assentar colonos no início dos anos 1970, expulsos por Itaipu, os Guarani iniciaram um processo de resistência sistêmica. Permanecer no local, cobrar providência das autoridades e denunciar a violência. O regime ditatorial dos governos de Brasil e Paraguai não dava margem para muita ação. A Funai se mantinha omissa e colaborativa com Incra e Itaipu. Após muita pressão, a Funai aceita ver a situação, mas duvida que sejam indígenas. Um “antropólogo” é enviado a campo e concluiu que a maioria das famílias não é Guarani, são paraguaios, caboclos, brancos, qualquer coisa, menos Guarani.

Na véspera de fechar as comportas, a Itaipu admitiu que precisava arrumar outra terra para reassentar a comunidade. Mas tanto Itaipu como Funai não reconheceram o Ocoy/Jacutinga como Terra Indígena. Numa ação totalmente ilegal, trataram os Guarani como se fossem camponeses, regularizaram os lotes individuais para cada família e depois desapropriaram.

Algumas famílias Guarani tomaram sua pequena indenização e partiram individualmente para outros lugares. Já os que estavam articulados em torno do líder Kambai Parãrwypoty optaram em permanecer juntos.

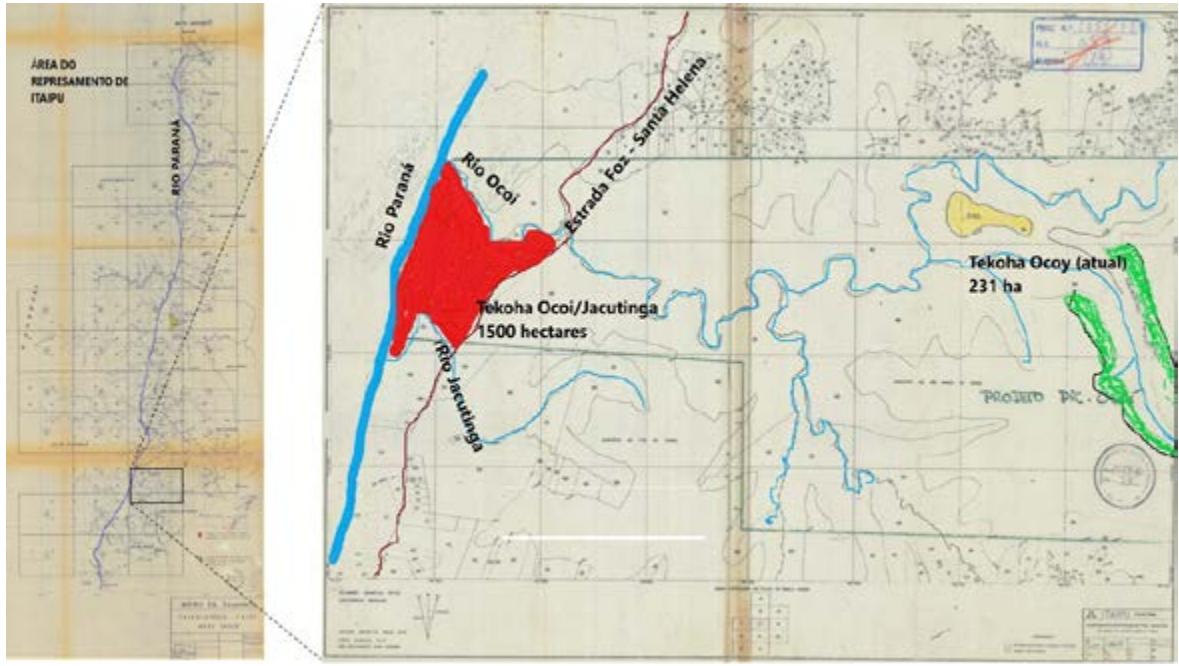
Rejeitaram o dinheiro e optaram pela terra. A Itaipu e o Incra utilizaram as indenizações para comprar a terra atual do Ocoy. O Incra teria “doado” 177,55 ha e a Itaipu 71,59 ha, totalizando 251,15 ha. Ocorre que tanto a terra alagada como a terra “doada” eram terras tradicionalmente ocupadas pelos Guarani.

As buscas por uma nova terra iniciaram em 1982. O atual Ocoy, sem o lago e com riacho de água limpa parecia ideal. Sem ter noção clara até onde chegaria a água, a comunidade, já cansada e sem muitas esperanças, o aceita como local provisório. Em 1983 as águas cobrem em casas e plantações. Restou uma minúscula faixa, justamente a área de Preservação Permanente entre o lago e os colonos. As famílias foram transferidas, mas os corpos dos entes queridos ficaram submersos. A memória e a história acompanham o grupo, jamais esquecerão. Também desejam que as novas gerações conheçam a história.

É ali, na nova terra, pequena e praticamente sem condições de vida, que a comunidade ganha força, se rearticula, se reorganiza, forma seus professores, suas lideranças, reencontra seus parentes dispersos e inicia novas lutas por terra. Como o local é pequeno e havia a promessa de novas áreas, os Guarani iniciam cobranças na Itaipu para devolução das terras alagadas. Diante da negativa da Binacional, em 1994 ocupam o Refúgio Biológico Bela Vista. Depois, em processo constante, vão se espalhando para a região, retomando antigas aldeias e criando novas, reproduzindo as práticas de outrora quando ainda havia recursos florestais, quando a terra ainda era boa. Atualmente, em 2020, residem na região sete novas comunidades que se desmembraram do Ocoy. Mesmo assim, diante do crescimento vegetativo e do contexto fundiário, a terra não é suficiente.

A partir das recomendações dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, os Guarani criaram a Comissão Guarani da Verdade, a fim de revelar as violações sofridas no período estudado (1946-1988). Com o apoio da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), foram localizados importantes documentos que revelam o processo de violência sofrida e de transferência para a nova área. Uma parte significativa dos documentos e fotografias pertencem ao acervo do Conselho Indigenista Missionário, porém diversos documentos foram encontrados em jornais e revistas da época, além de documentos do acervo do Museu Nacional em Brasília. A memória oral foi registrada por diferentes pesquisadores, dentre eles Pedro Zilles (*in memoriam*) que vivenciou a violência que os Guarani sofreram quando atuava pelo Cimi nas década de 1970/1980;

Figura 2 – Mapa com a localização do Tekoha Ocoy/Jacutinga. Processo 1053/76 da Funai que trata da Colônia Guarani. Mapa solicitado via E-Sic n. 08850005765201955 para a dissertação de Osmarina de Oliveira “Do tekoha Guarani ao Guarani Kue” pelo PPGIELA/UNILA



Fonte: Adaptação e montagem pelos autores do mapa de Matrix S.A. Engenharia, fev. 1976.

INTRODUÇÃO



Esta terra que nós estamos pisando agora, sempre foi do Guarani. Foi Nhanderu; nosso pai, que deu esta terra para nós. Ywy é nossa mãe. Como que a Itaipu quer comprar a nossa terra? Como o português quer comprar a terra que Nhanderu nos deu? Não se pode vender a terra! O dinheiro não dura nada, acaba numa semana; mas a terra eu posso plantar. Eu planto mandioca, milho. Para o Guarani comer. A terra não acaba nunca. Eu não vou vender a terra. Se a Itaipu vier com dinheiro para tirar o Guarani, eu não vou para lugar nenhum; vou ficar aqui. A Itaipu e o governo acham que o Guarani está sozinho. O Guarani não está sozinho. O Guarani sabe fazer o *Nhemboé* [...] e pode estragar tudo, porque *Nhanderu* está com o Guarani. A Itaipu vai tirar a nossa terra, sendo que ela não está querendo dar outra pro Guarani. Como o Guarani vai então criar os filhos? Como o Guarani vai plantar mandioca e milho?

Sem a terra, o Guarani vai morrer, mas no dia que o Guarani morrer, o *Karái* [não indígena] também vai morrer, eles tudo vão morrer, quando o Guarani acabar. A terra então vai queimar sem haver fogo.

Por isso, o Guarani vai ficar firme e não vai sair da terra porque o que a Itaipu quer dar é muito pouco. Se a Itaipu quer dar dinheiro para o Guarani, não vamos aceitar. O dinheiro acaba logo¹.

LOCAIS ANTIGOS



¹ Entrevista concedida por VILLALVA, Lucas. Entrevista I [jun.1982]. Entrevistador: Pedro Zilles, 1982, arquivo. Fita cassete. (30 min.).

Eu conhecia tudo, ali. Naquela margem do rio. A gente vinha de Guaíra pra Foz. Às vezes a gente passava de avião pra gente tirar foto. Naquela margem do rio Paraná era tudo índio. Eu nasci em Guaíra, em Karumbey [Guaíra]. Por ali tudo nós andamos. Desde as sete quedas, aquela volta toda no rio Taturi, que falam aí, tinha aldeia. Tinha uma aldeia chamada Itacurubi. Depois pra baixo, beirando o rio, em Santa Helena, tinha aldeia no Porto Britânia, umas 20, 30 famílias trabalhavam na firma que existia ali. Eles se visitavam muito com o pessoal do Tekoha Marangatu [PY]. Então lá sempre transitava Guarani de um lado pra outro do rio Paraná. Ali onde é Entre Rios também tinha uma aldeia pequena, tinham 12 famílias. Depois tinha em Santa Helena, no lugar chamado Dois Irmãos. Ali morava o Gerônimo, o meu irmão Gregório, o Paulo, um tal de Horácio e mais outras famílias. Ali na Vila Celeste tinha uma aldeia também, depois mais pra baixo, no Itacorá, era uma aldeia, e os Juruá fizeram uma vila no lugar. Daí tiraram o pessoal de lá e passaram pra cá, ali no Machadinho, já perto do Ocoy. Depois tinha aldeia no Jacutinga, que eles falaram. A Jacutinga ficou embaixo d'água. Depois tem a outra aldeia ali pra cima, Fazenda Passo Kue, um pedaço ficou embaixo d'água. Depois passando ali tem a Sanga Funda, tinha índio também. Depois pra baixo da Sanga Funda, em frente o porto Santa Tereza do Paraguai, também tinha aldeia. Na outra aldeia mais pra baixo onde moravam os índios ficou tudo embaixo d'água. Essas aldeias ficaram tudo debaixo d'água, algumas totalmente; outras, como Vila Celeste, não ficou completa, ficou um pedaço, agora Itacorá ficou embaixo d'água, o Machadinho ficou todo embaixo d'água².

Isso foi quando eu nasci, mais ou menos em 1948. Pegaram o meu pai, a minha mãe e meus parentes todos e usavam para abrir picada, fazer entrada, picada aqui, picada ali, até outra cidade. E quando eles fizeram todas as picadas, veio fazendeiros de toda parte. Veio até com avião e põe a estaca, a baliza. E daí pegavam os índios com

2 Entrevista concedida por BENITES, Honório. Entrevista II [ago.2016]. Entrevistador: Clovis Antonio Brighenti, 2016, arquivo. mp3. (43 min.).
Honório Benites, por ter servido o exército em Guaíra, percorreu toda a região, inclusive com sobrevoos.

força, até com a Polícia Federal, e mandavam fazer picadas para as fazendas. Eles queriam dividir a terra pra eles. Vinha a polícia e o fazendeiro juntos. Ia dividindo. Quando terminaram de medir, expulsaram e mataram todos os índios. O fazendeiro mandava turma de pistoleiros e matavam tudo. Isso foi em toda parte, eles queriam fazer fazenda. Onde era Tekoha virou fazenda. Naquele tempo não tinha lei. Foi assim que aconteceu nessa região aqui. Falam agora que é fazenda ou que é Parque, mas é tudo aldeia³.

Então, antigamente não era assim. Os índios iam onde queriam ir, não tinha ninguém que atrapalhava. Morei no Guarani-Kue [Três Lagoas, Foz do Iguaçu] não sei quantos anos, creio que por uns 4 anos, fiz plantação. Então morei ali 4 anos e aí, no fim, os colonos, os brancos começaram a invadir a área. E os brancos invadiram a área, daí o velho Jerônimo Alves saiu de Guarani Kue, foi pra Laranjeiras do Sul. Primeiro saí de Jacutinga e fui pro Guarani Kue, depois fui pra Laranjeiras, porque quando o Guarani Kue foi tudo invadido, aí o Guarani começou a correr. O cacique também nem pensava sobre isso. Antigamente o cacique no Guarani Kue era Faustino Centurião, o pai do João Centurião⁴.

3 Entrevista concedida por BENITES, Assunção. Entrevista III [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. In: CTI. *Relatório*. Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988): Subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. São Paulo: CTI, 2013. p. 31.

4 Entrevista concedida por ALVES, Jerônimo. Entrevista IV [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).



TEMPO DE ANTES: O ROUBO DAS TERRAS



Figura 3 – Centro da aldeia Ocoy/Jacutinga, nas margens do rio Paraná



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1979.

Figura 4 – Ocoy/Jacutinga. Centro da aldeia



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1979.

Figura 5 – Entrada para a Aldeia no Ocoy/Jacutinga, na estrada velha Santa Helena a Foz do Iguaçu.
Acesso ao Ocoy/Jacutinga

Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1979.

Antigamente, esse rio que vem não era muito grande, né?! Então Itaipu decidiu fechar esse rio e pegou muita terra indígena. Agora, você já viu essa beirada, né? Pegaram muito remanso, ficou tudo aldeia dentro da água. Por que pegaram assim? Antigamente esse rio era pequeno. Quem fez isso? Isso daí foi Itaipu! E agora não tem mais como o índio recuperar. Itaipu tem que saber e recuperar essa terra pro índio, porque ficou tudo dentro da água. Essa beirada do rio. Era tudo índio. Não era assim que falam que não tinha índio. Mas tem. O Branco não sabe, mas antigamente já tinha índio em Guaíra, Santa Helena, Ocoy. Mas agora o Branco fala que não tinha índio, ele não sabe a história do índio, é o índio que sabe. Itaipu fechou esse rio e pegou muita terra dos índios. Ficou toda essa mata dentro da água. E agora não tem como

recuperar. Até o rio Piquiry era do índio, até o Mato Grosso do Sul também. Era tudo índio, em Vito'i Kue. Era grande isso daí. Eu sei isso.

Agora não tem mais mata. Índio não tem culpa, porque índio não tem trator, não tem ferramenta, não tem motosserra, e depois joga tudo na culpa do índio. Por exemplo, qualquer um que corta madeira fala que o índio está destruindo a mata. Não é assim. O índio não tem ferramenta, não tem trator, não tem nada. Por exemplo, olha minha casa. Pro Branco isso não é casa. Isso aqui é um barraquinho.

Então, essa beirada do rio era tudo mata boa. E agora destruiu tudo, não tem mais toco pra fazer lenha. O Branco tem que saber aonde que era índio, tem que devolver essa terra pro índio também, porque índio tá só procurando seu direito. Antigamente era do índio. Não é essa invasão que falam, que o índio está invadindo. Não, o índio tá sabendo aonde o avô foi enterrado. Então, viemos aqui fazer acampamento. Essa beirada toda era do índio. Guaíra, Santa Helena, Ocoy⁵.

Naquela época tinha muito mato. Para ir do Ocoy até o Rio Iguaçu era puro mato. Não tinha nenhum morador, era tudo cheio de bicho. Naquele tempo, o Guarani vivia bem. A terra não era só Jacutinga [tinha vários Tekoha]. Até as nascentes do rio Ocoy só tinha Guarani. O Guarani tomava conta de tudo. Depois apareceu Santa Terezinha que foi crescendo, foram fazendo estrada⁶.

5 Entrevista concedida por ORTIZ, Anatólio. Entrevista V [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. Arquivo. mp3. (30 min.).

6 Entrevista concedida por VOGADO, Aleixo. Entrevista VI [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).

Figura 6 – Kambai Parârãwypoty Fernando Martinez, líder do Ocoy/Jacutinga, nas margens do Paraná



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1979.

Antes deles fecharem lá embaixo a barragem da Itaipu, eu ia com pedaço de linha, com 3 metros, com um anzolzinho, colocava fruta, essas guabiobas, pitanga, jogava lá e com 20, 30 minutos pescando, tirava uma média de 5 a 10 quilos de peixe. Pra comer só no dia. Hoje eu vou ali, fico de cedo até a noite e não pego um quilo. Às vezes eu pego quatro chorãozinho. Não dá nem pra me alimentar, encher barriga⁷.

7 Entrevista concedida por BENITES, Assunção. Entrevista VII [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. In: CTI. *Relatório*. Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988): Subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. São Paulo: CTI, 2013. p. 80.

Figura 7 – Kambai Parãrãwypoty Fernando Martinez, líder Guarani na plantação de milho Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figuras 10 e 11 – Kambai Parãrãwypoty Fernando Martinez, líder Guarani colhendo milho Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figuras 8 e 9 – Kambai Parãrãwypoty Fernando Martinez, líder Guarani colhendo milho Ocoy/ Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Naquele tempo a gente comia bem, tinha batata-doce, mandioca, amendoim. No mato tinha à vontade, pra tirar frutas, pra caçar. Então era uma coisa boa, antigamente tinha vida boa. Depois veio o branco colonizar a terra, por isso o sofrimento do Guarani começou ali. Naquele tempo não tinha doença como agora. Naquele tempo tinha doença de sarampo. Às vezes aparece algum sarampo por aí, mas tem muito tempo. O que matava o pessoal mesmo é aquele catapora grande, aquele mata mesmo. Às vezes pega em todo mundo. Aí tem que fazer remédio, quando a pessoa cai não tem mais jeito, então por isso que morreu bastante gente em Três Lagoas⁸.

⁸ Entrevista concedida por CENTURIÃO, Faustino. Entrevista VIII [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).

Figura 12 – Cultivo de mamão no Tekoha Ocoy/
Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 13 – Librado Viliálva, neto do Kambai
Parãráwypoty Fernando Martinez, brincando no
pé de mamão Ocoy/Jacutinga



Figura 14 – Pés de mamão, goiaba, laranja no Tekoha
Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 15 – Librado Viliálva na roça no Tekoha
Ocoy/Jacutinga



Figura 16 – Kambai Parãráwypoty Fernando Martinez, na lavoura. Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 17 – Henriqueta Martinez (em pé) e Hilária Viliálva, sobrinhas do Agustinho, descascando arroz no pilão Guarani. Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 18 – Construção de casa no Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Então meu pai Severo Vogado falou que na época de 1960, quando entrou lá, tinha vida boa, tinha peixe, tinha água, tinha tudo. Ele não tinha problema nenhum antes do Incra entrar lá⁹.

Figura 19 – Barranca do Rio Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1979.

⁹ Entrevista concedida por BOGADO, Aleixo. Entrevista XIX [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).

Figura 20 – Estrada velha de Santa Helena a Foz do Iguaçu. Ponte sobre o Rio Ocoy



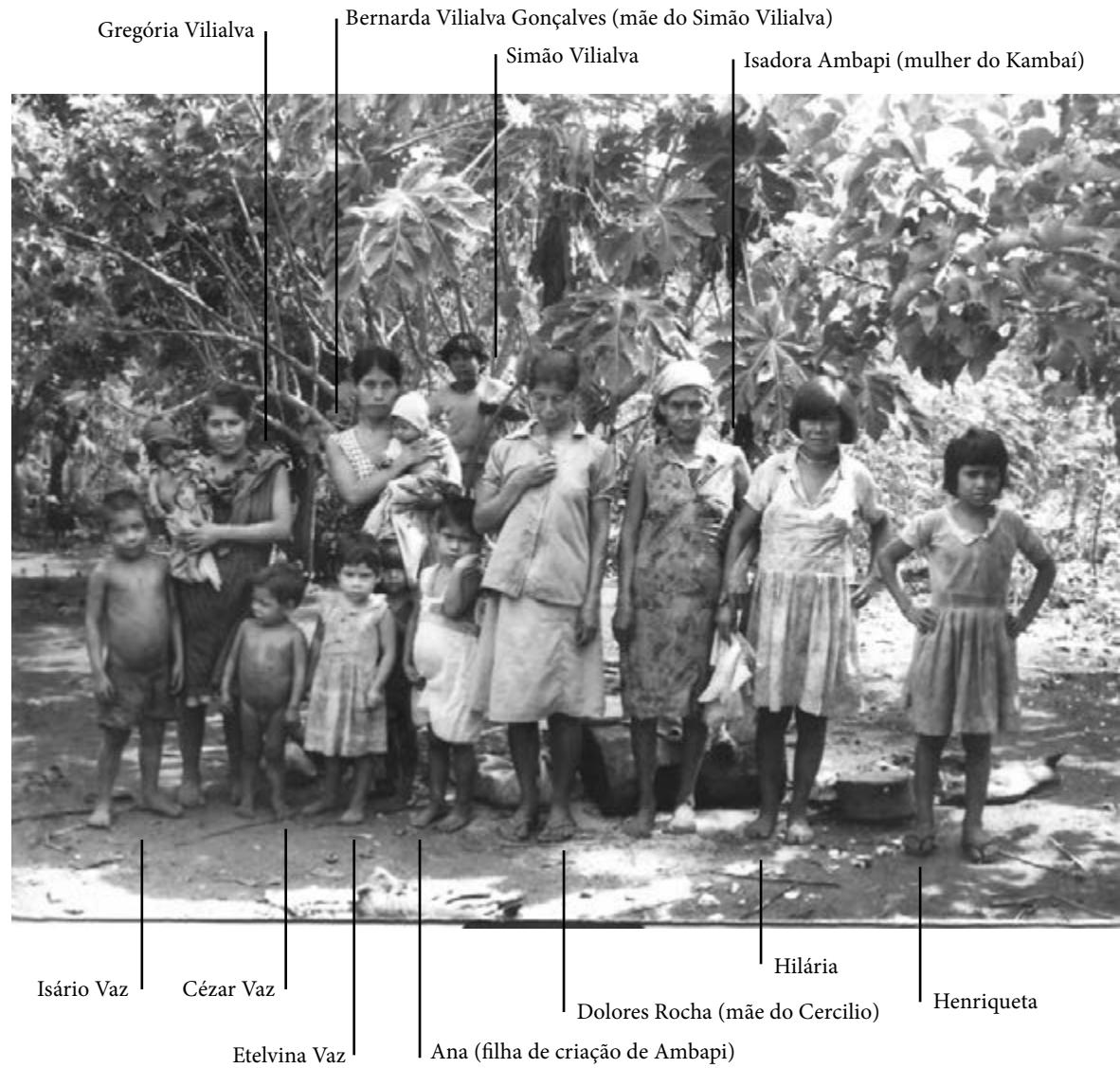
Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 21 – Ponte sobre o Rio Passo Kue



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 22 – Avá-Guarani moradores do Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figuras 23 e 24 – Francisca Viliálva, Ocoy/Jacutinga. Francisca não foi reconhecida como sendo Guarani pelo Laudo do Antropólogo da Funai Célio Horst



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 25 – Isadora Vilialva e Francisca Vilialva



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figuras 26 e 27 – Isadora Vilialva tecendo cestaria. Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 28 – Isadora Vilialva tecendo um cesto de palha. Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 29 – Agustinho Martinez, Cecílio Vialva e Kambai Parârãwypoty Fernando Martinez, Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 30 – Antônia Floriano (de colar), filha de Inácio Floriano. Não foram recordados os nomes das outras duas crianças. Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 31 – Criança Avá-Guarani no antigo Tekoha Ocoy/Jacutinga, na margem do Rio Paraná



Figura 32 – Antônia Floriano, filha de Inácio Floriano, no Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 33 – Ângelo Benites, com sua esposa Anuncia Vogado e dois filhos, no antigo Tekoha Ocoy/Jacutinga. Atualmente (2020) moram no Tekoha Añetete



Figura 34 – Gregória Benites, esposa de Sebastião Vogado, com Francisco Vogado (no colo) e Santa Vogado no Tekoha Ocoy/Jacutinga. Atualmente (2020) mora no Tekoha Añetete, 1980.



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 35 – Ilda Acosta, esposa de Inocência Acosta, e seus dois filhos, Carmelo (de pé) e Gersal, apelido Pelé, (no colo), no antigo Tekoha Ocoy/Jacutinga. Hoje (2020) vivem no Tekoha Mokoio Joegua, município de Santa Helena.



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 36 – Ana Maria Coronel, Tekoha Ocoy/Jacutinga. Atualmente (2020) mora na Aldeia Lebre, Município Nova Laranjeiras/PR



Figura 37 – Simão Viliálva e Cecílio Ortiz, Tekoha Ocoy/Jacutinga. Atualmente (2020) Simão vive no Tekoha Ocoy e Cecílio no Tekoha Añetete



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 38 – Librado (maior) e Helio Viliálva (falecido em acidente). Tekoha Ocoy/Jacutinga



Figura 39 – Hélio Viliálva (falecido em acidente) no antigo Tekoha Ocoy/Jacutinga. Hélio foi capa do Laudo Antropológico elaborado pelo antropólogo Edgard de Assis Carvalho



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figuras 40 e 41 – Cemitérios Tekoha Ocoy/Jacutinga. Todos estão submersos e não houve a retirada dos corpos



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figuras 42 e 43 – Cemitérios Tekoha Ocoy/Jacutinga. Todos estão submersos e não houve a retirada dos corpos



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 44 – Cassemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião, Tekoha Ocoy/Jacutinga, 1981



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 45 – Merci Gonçalves (camisa listrada); Luiza Martines, irmã de Agustinho Martinez, com o Santo Gonçalves (no colo) e Osvaldo Gonçalves (camisa branca) (falecido), no Tekoha Ocoy/Jacutinga. Atualmente (2020) residem no município de Santa Helena/PR



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

Figuras 46 e 47 – Rio Paraná. 2 km do Tekoha Ocoy/Jacutinga. Pedro Zilles (de chapéu) (Cimi) acompanhados de um Guarani se preparando para a travessia do rio Paraná a fim de localizar os Guarani que haviam se dispersado pela margem direita do rio



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, abril de 1982.

A margem do Paraná era tudo aldeia. Depois chegaram os brancos. Em 1960, mais ou menos, a gente tinha que sair porque eles tinham comprado a terra. Eles não pagaram nada pra gente, só mandaram a gente sair, dizendo que ‘essa terra é nossa’. Naquela época não tinha nem a Funai. Naquela época não tinha nada. Foram entrando, entrando e daí acabou. Os brancos chegavam, mandavam a gente roçar a fazenda pra eles e não pagavam nada, iam tomando, cada vez mais, os espaços das aldeias e colocavam a gente pra roçar o mato e derrubar madeira com machado¹⁰.

Figura 48 – Moradores do Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

EXPULSÃO PELO INCRA



¹⁰ Entrevista concedida por MARTINS, Nabor. Entrevista X [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. In: CTI. *Relatório*. Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988): Subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. São Paulo: CTI, 2013. p. 31.

Quando eu vivi em Tekoha Ocoy/Jacutinga, o colono já estava todo em volta. O Incra falou que tinha que sair, queimaram casa. Daí tivemos que sair. Eu lembro assim, em 1969, era um mato ainda, vinha até no São Miguel, e daí eu acho que quando veio essa história de Itaipu, que ia inundar tudo. Então arrendou a terra pra plantar hortelã, enquanto a represa fica pronta. E o índio também tinha que sair dali. Então veio o Incra pra medir a nossa terra pra poder arrendar para os colonos. Daí tivemos que correr e passar pro Paraguai. E aqueles que tinham coragem ficaram num cantinho, mas ficaram bem quietos. E por isso que até hoje a gente não perdeu tudo, tem como lutar ainda. Então quando veio a Itaipu, em 1971, por essa época, quando começou esse projeto, a gente só ficou no cantinho, 4, 5 famílias. Por isso que até hoje Itaipu fala que só encontrou 5 famílias, que são as 5 famílias que têm direito a ter terra. Mas tinha bastante, que correu tudo quando o Incra veio botando fogo nas casas, ficou 4, 5 famílias. Ficou aquele que tem coragem, o resto correu¹¹.

Figura 49 – Telegrama enviado pelo advogado e presidente do Diretório do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de Foz do Iguaçu, Dr. Antônio Vanderli Moreira, ao delegado da Funai denunciando os crimes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá). 1976. No ano anterior, 1975, Antônio Vanderli já tinha denunciado a queima das casas Guarani por servidores do Incra, ao deputado Fidelcino Tolentino

Conselho Indigenista Missionário
CIMI REGIONAL SUL
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

TELEGRAMA URGENTE

.....
DELEGADO REGIONAL FUNAI
Av. Vet. Machado, 2560
CURITIBA
.....

INCRÁ CONTINUA DESMANDOS BARRA DO OCOÍ Vg MUNICÍPIO
SÃO MIGUEL IGUAÇU pt DEZEMBRO QUEIMARAM CASAS COLONOS
et AFUGENTARAM INDÍGENAS BRASILEIROS pt ALGUNS FUGIRAM
PARAGUAÍpt PRENDERAM et TORTURARAM ÍNDIOS pt ONTEM --
COORDENADOR PROJETO OCOÍ DEU PRAZO UM DIA FAMÍLIAS IN-
DÍGENAS DESOCUPAREM TERRA ONDE NASCERAM ATÉ SEUS ANCES-
TRAIS. pt ARBITRARIEDADES CHEGAM BARRAS ABSURDO pt --
ENCARECEMOS PROVIDÊNCIAS URGENTES CONTRA INCRA QUE DES-
RESPEITA MESMO FAIXA DE MARINHA pt SAUDAÇÕES
ANTÔNIO VANDERLI MOREIRA FOZ IGUAÇU

.....
Antônio Vanderli Moreira

Rua Benjamin Constant, 49 Fone 72-18-96
Foz do Iguaçu. 20.05.1976

¹¹ Entrevista concedida por ALVES, Pedro. Entrevista XI [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. In: CTI. *Relatório*. Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988): Subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. São Paulo: CTI, 2013. p. 66.

Em 1973, o Incra chegou aqui (Jacutinga) expulsando a gente da terra. Eles assustavam a gente, ameaçavam, mandavam embora, botando fogo nas casas, queimando nossa plantação, atiravam nossas coisas na estrada, expulsando a gente daqui. Ameaçavam dar tiro na perna de quem não queria subir no caminhão¹².

Figura 50 – Mulheres Avá-Guarani. Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

¹² Entrevista concedida por CATU, Narcisa Tacua. Entrevista XII [2005]. Entrevistadora: Maria Lúcia Brant de Carvalho, 2005. In: BRANT DE CARVALHO, Maria Lúcia. *Das terras dos Índios a índios sem terras. O estado e os Guarani do Oco'y: Violência, silêncio e luta.* 2013. 835p. Tese. FFLCH – Departamento de Geografia – USP. p. 366.

Figura 51 – Rufino Martinez (falecido). Tio do Agustinho Martinez. Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1980.

Os tekoha se encheram de medo... Foi de medo que deixou as terras de lá. Porque o branco chega lá e diz: você tem que sair senão morre. Então isso vai acontecendo, cada vez fica mais pesado o perigo... Ele não quer ir embora, mas quem vai querer morrer, né?¹³

¹³ Entrevista concedida por CENTURIÃO, Faustino Jeguara Vusu. Entrevista XIII [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).



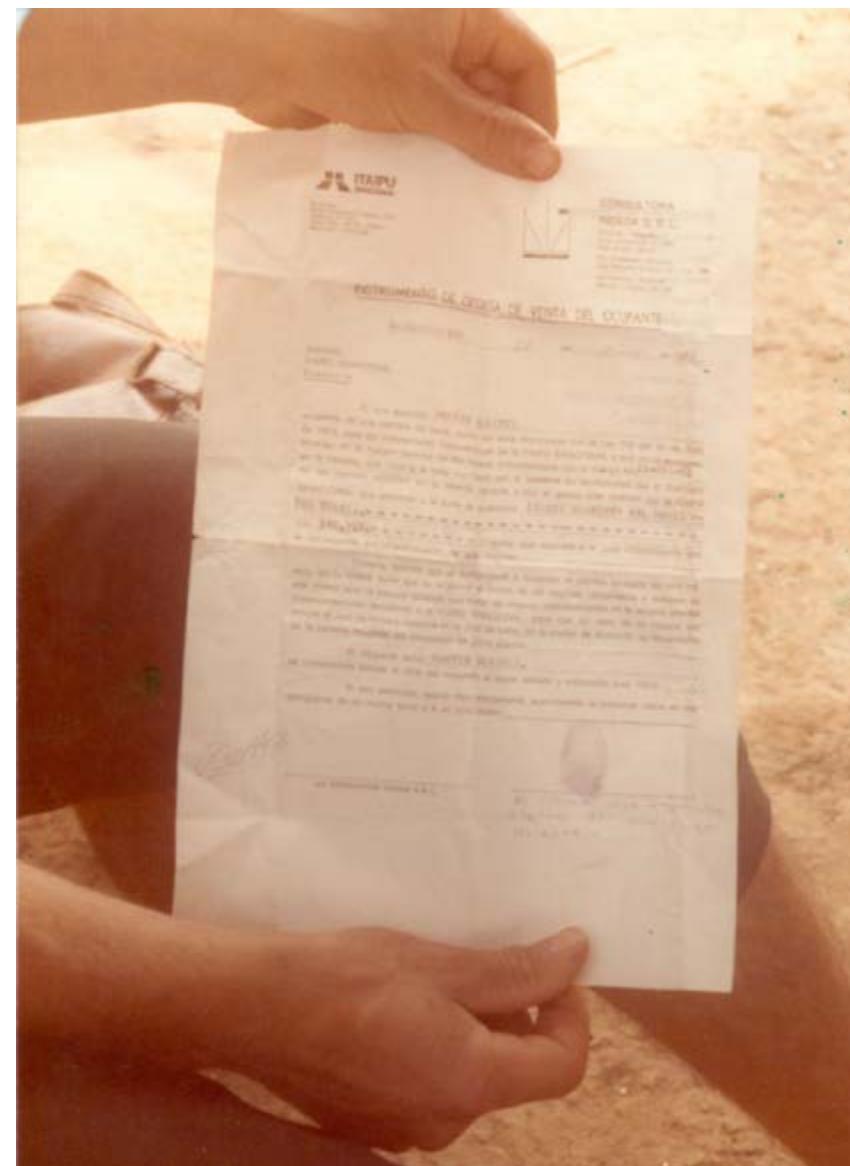
EXPULSÃO PELA ITAIPU



A gente sabia [que ia ter a barragem] porque o vizinho falava. A gente não sabia o que ia acontecer. Só assim [pelos vizinhos não indígenas], ficamos sabemos. Falavam que o Paraná ia ser fechado e a gente que estava na beira do rio Paraná teria que sair tudo. Foi por aí que a gente soube. Acho que daí foi indicado pra Funai vir ver os indígenas. Daí que a Funai mandou um antropólogo pra ver se nós somos índios mesmo, que eu não conheci esse antropólogo porque naquela época eu estava pro Paraguai, no Kiritó. Ali também a gente viu Itaipu trabalhando, cortando, fazendo rumo onde a água ia pegar, fazendo uma divisa, medindo até onde a água vai. Foi ali que a gente ouviu falar que tinha que sair porque o Paraná iria ser fechado e iria alagar até tal altura. Então nós que estamos na beira do rio Paraná temos que sair. Foi assim que a gente ficou sabendo¹⁴.

¹⁴ Entrevista concedida por ALVES, Pedro. Entrevista XIV [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. In: CTI. *Relatório*. Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988): Subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. São Paulo: CTI, 2013. p. 67.

Figura 52 – Documento de compra da terra de Martin Benites pela Itaipu Binacional



Fonte: Acervo do Cimi. Brasília – DF, 1982.

Figura 53 – Marco de delimitação da antiga terra Ocoy/Jacutinga indicando que a terra teria sido demarcada em tempos pretéritos. A localização do marco, por ocasião do Laudo Antropológico realizado pela ABA



Fonte: Acervo do Cimi. Sem informação da autoria, 1981.

SARAMBI (ESPARRAMO)



Logo quando começou a represa Itaipu nossos parentes passaram pro Paraguai. [...] os brancos ainda corriam atrás deles. Eles mandavam embora e, se não queria ir, eles mandavam na marra mesmo, espancavam. Eles nem colocavam no caminhão pros índios ir, tinha que ir a pé mesmo. A minha sorte é que eu não estava ali quando começou isso¹⁵.

Figura 54 – Nicolau Benites, centro da foto, com a mãe do Ângelo Benites (de trança) e outra jovem a esquerda. Não foi lembrado o nome dessas pessoas. Haviam fugido para o Paraguai com medo da represa. Kiritó (PY)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

¹⁵ Entrevista concedida por MARTINEZ, Damásio. Entrevista XV [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. In: CTI. *Relatório*. Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988): Subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. São Paulo: CTI, 2013. p. 68.

Do Tekoha Passo Kue passei para o Paraguai porque não tinha jeito aqui. Mesmo no Jacutinga, quando passei lá, também estava cheio de perigo. Então cada aldeia encheu de perigo. Então teve que passar pro Paraguai. Por isso que a Itaipu escreveu que era paraguaio. Mas de nação, natural mesmo é daqui. Tudo que veio de lá era tudo nascido no Paraná mesmo, no Brasil¹⁶.

Figura 55 – Osvaldo Gonçalves e Mercí Gonçalves, Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1980.

¹⁶ Entrevista concedida por CENTURIÃO, Faustino. Entrevista XVI [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).

No tekoha Passo-Kue, Ipiranga e Taquapetinga-í entrou jagunço, fazendeiro polaco, alemão. Então meu pai falou que foi na época em 1960, quando entrou lá [o Incra deu a terra dos Guarani para os não indígenas]. O Guarani tinha vida boa, tinha peixe, tinha água, tinha tudo, que ele não tinha problema nenhum antes que a Incra entrou lá... Era uma vida boa¹⁷.

Aqui mesmo, em Dois Irmãos, tinha 70 famílias indígenas. Eu sou daqui de Santa Helena Velha, eu nasci, criei com os indígenas e tudo. Eu era cacique também. Depois veio Itaipu e mandou tudo embora. Não pagou nada, deixou só. A Itaipu chegou e só falou que ia vir a água e que “pode se mandar”. E o que nós ia fazer? Ficamos triste. Saímos tudo pelo rio Paraná, por outro lado, por Paraguai. Cada um foi pra um lado. Eu fiquei aqui. Itaipu voltou e falou: “vão embora tudo, a água vem vindo”. O que nós ia fazer? Itaipu disse “pode sair tudo”. Eu tinha 4 filhos, não podia sair, fui a Santa Helena. Sorte que encontrei o Prates, que era prefeito. Ele me arrumou serviço. Depois mandou tudo embora, não pagou nada nossa terra.

Tinha 70 famílias. O batalhão que manda naquele tempo, o batalhão de Santa Helena. Naquele tempo o exército manda. Fazer o quê? Tinha 70 famílias, tudo indígena. Choremos tudo, vai pra Paraguai, vai pra não sei onde, nós morava na terra. Não adianta reclamar? Foi por 1983, lembro de tudo. Eu era chefe daqui. Naquele tempo não existia lei. Agora que tem lei. Fiquemos assim. Nós deveria ter pedido pra Itaipu comprar uma terra pra nós¹⁸.

Figura 56 – Km 6, Paraguai. Local de refúgio de algumas famílias Guarani que ocupam as margens do rio Paraná



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

17 Entrevista concedida por BOGADO, Aleixo. Entrevista XVII [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).

18 Entrevista concedida por FIGUEIREDO, Lourenço. Entrevista XVIII [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. In: CTI. *Relatório*. Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988): Subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. São Paulo: CTI, 2013. p. 76.

Figura 57 – João Afonso, cacique em 1980. Kiritó Kue. Paraguai. Refúgio dos Guarani no Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 58 – Inocêncio Acosta (cacique no Ocoy em 1987), Ilda Vogado (esposa de Inocêncio) e Rosa Vogado. Km 6 Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 59 – Famílias Avá-Guarani expulsas pela Itaipu, morando no Km 6 Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 60 – Famílias Avá-Guarani expulsas pela Itaipu, morando no Km 6 Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 61 – Casal Avá-Guarani. Tekoha Ocoy/Jacutinga. Eulógio Pereira vive em hoje no Kiritó (Paraguai)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 62 – Maria Lopez. Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 63 – Ana Maria Coronel. Ocoy/Jacutinga. Atualmente (2020) vive no Tekoha Guarani em Nova Laranjeiras (PR)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, maio de 1982.

Figura 64 – Santo Pereira, Abelardo Acosta, Paulinha Pereira. Tekoha Kiritó Kue. Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 65 – Nicolau Benitez (pai de Ângelo Benitez) com o membro do Cimi Pedro Zilles em visita ao Tekoha Kiritó (PY), a fim de identificar as famílias que haviam fugido. Atualmente (2020) Nicolau vive no Tekoha Añetete



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 66 – Nicolau Benites e esposa. Km 6 Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 67 – Francisco Pereira e Nicolau Benites. Tekoha Kiritó Kue, Paraguai



Figura 68 – Aleixo Vogado. Sogro do Inocência Acosta. Faleceu em 2014. Km 6, Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 69 – Jorge Vogado (de bicicleta, filho de Aleixo Vogado), Aleixo Vogado (no centro) e Sebastião Vogado. Km 6, Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Figura 70 – Isadora Martines, casada com Kambai Parârãwypoty. Km 6, Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

Eles diziam que o rio Paraná ia aumentar e nós podíamos morrer todos, por isso nossos parentes foram embora pra outro lugar. Tem muita gente que foi embora, nos espalharam todos, por medo. Eles falavam que “a Itaipu vai fechar o rio e isso pode matar vocês”.

Aí os índios foram embora para outros lugares, mas sempre lembravam desse lugar. Foi isso o que os brancos fizeram, amedrontaram os índios, por isso eles se espalharam! Mas não esqueceram do tekoha e voltaram de novo aqui mesmo porque nós somos daqui mesmo!¹⁹

Figura 71 – Leonardo Benitez, Verano, Bernardo Lambaré. Km 6, Paraguai



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, abril de 1982.

O CONTRA LAUDO DESMASCARA A ITAIPU E A FUNAI



¹⁹ Entrevista concedida por MARTINEZ, Marta. Entrevista XIX [jun.2013]. Entrevistador: Ian Packer, 2013. In: CTI. *Relatório*. Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guaraní no Oeste do Paraná (1946-1988): Subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. São Paulo: CTI, 2013. p. 79.

Por ocasião do laudo antropológico produzido pela Funai, elaborado pelo Celio Horst (junho de 1981), aplicando critérios racistas a fim de desqualificar a população e orientando a transferência da população para a terra do povo Kaingang, a comunidade Guarani, com apoio de entidades indigenistas como o Cimi, a Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai-PR) e a Comissão Justiça e Paz de Curitiba solicitaram à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) a elaboração de um 'contra' laudo. A ABA designou o antropólogo Edgard de Assis Carvalho que produziu o Parecer Antropológico: Avá-Guarani do Ocoí Jacutinga. O parecer, publicado em 1981, tornou-se peça importante na ação dos Guarani.

Figura 72 – Capa do laudo antropológico de Edgar de Assis Carvalho



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF, 1981.

Figura 73 – Kambai Parãráwypoty Fernando Martinez (chapéu), Antônio Branco (de boné), Edgard de Assis Carvalho (camisa xadrez) e Adriano Benitez (ao lado esquerdo de Edgar)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 74 – Ocoy/Jacutinga Kambai Parãráwypoty, Edgard de Assis Carvalho (o antropólogo que elaborou o Parecer Antropológico, por solicitação do Cimi, de costas) e Adriano Benitez (mão no pescoço)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1980.

Figura 75 – Comissão de líderes se deslocou para Curitiba na Funai para exigir a terra. Cecílio Carapé (à direita, com as mãos no bolso), Agustinho Martinez (centro) e Kambai Parãráwypoty Fernando Martinez. Funai Curitiba.



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 23 de março de 1981.

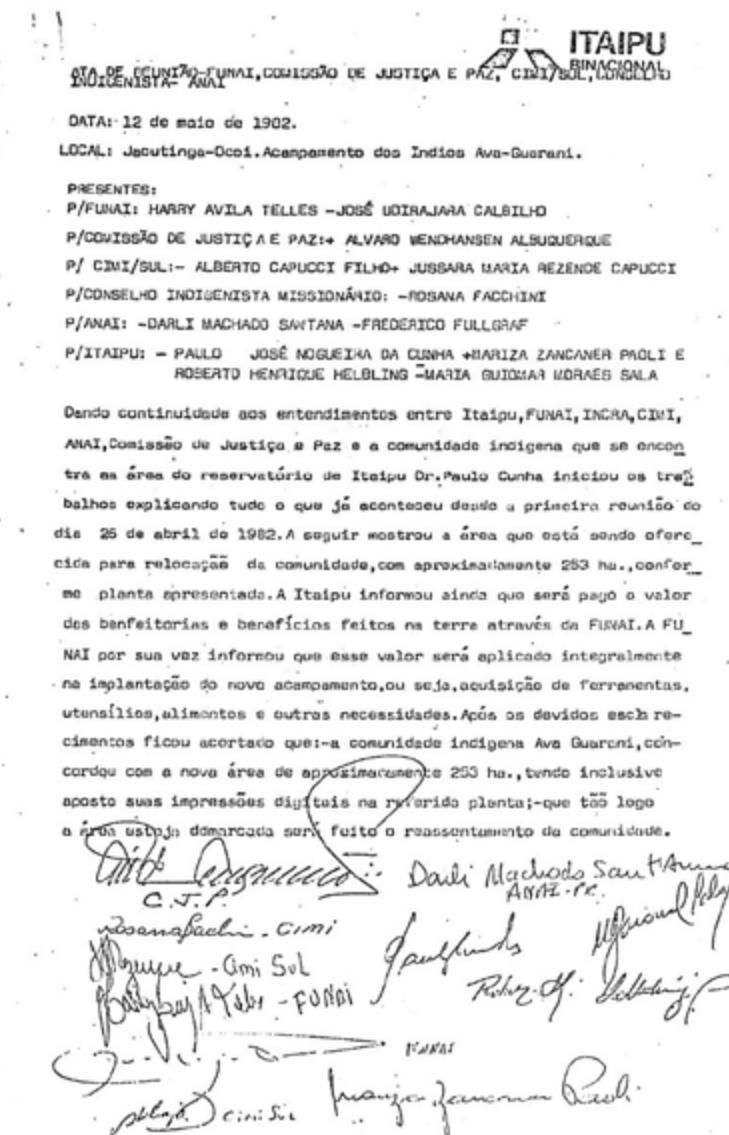
Figura 76 – Após muita pressão por parte dos Guarani, a Itaipu concordou em indenizar a comunidade, assentando-a em uma nova terra. Apesar do esforço por parte dos Guarani, foi concedido apenas 251 hectares na beira do lago. Na foto, um grupo de Guarani visita o local do assentamento. Simão Vilialva (de roupa preta)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1982.

Em 12 de maio de 1982, prestes a fechar as comportas, com relutância da Funai e Itaipu em seguir a legislação brasileira, como reconhecer a terra Guarani, solicitar oficialmente a transferência da comunidade ao Congresso Nacional, Funai e Itaipu oferecem aos Guarani um local provisório. Uma pequena faixa de terra de 251 ha na margem do que iria ser o lago. Os Guarani aceitam mediante a promessa de posteriormente a Itaipu recompensar a comunidade com 1500 ha. Como o lago não estava formado, a dimensão do que viria a ser 251 ha não ficou explícita. A terra parecia maior, havia um riacho e mata nativa.

Figura 77 – Ata da reunião que deliberou pela compra da atual terra do Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF, 1982.

TRANSFERÊNCIA PARA O OCOY



Figura 78 – Ocoy/Jacutinga, junho de 1982. Mudança para o atual Ocoy, município de São Miguel do Iguçu/PR



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 11 de junho de 1982.

Figura 79 – Ocoy/Jacutinga, junho de 1982. Mudança para o atual Ocoy, município de São Miguel do Iguçu/PR



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 11 de junho de 1982.

Figuras 80 e 81 – Placa da Funai proibindo o ingresso de pessoas não autorizadas na nova Terra Indígena Tekoha Ocoy, em Santa Rosa do Ocoy – São Miguel do Iguçu/PR. Assim que os Guarani foram transferidos para a nova terra, a Funai tentou criar um controle ostensivo buscando evitar que a comunidade continuasse a lutar pela terra



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, maio de 1982.

Figura 82 – Aterro sobre o riacho Santa Clara no interior da TI Ocoy em preparação ao alagamento de Itaipu. Estada que liga Santa Rosa do Ocoy a Santa Rita, município de São Miguel do Iguazu



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, maio de 1982.

Quando mudamos para o Ocoy, o cacique era o Fernando Martinez. Naquela época, a Funai queria dirigir a organização da comunidade, tanto na parte territorial como na educação e na saúde. Para nós, esse lugar era provisório, que, no futuro, a Itaipu e a Funai iriam resolver de outra forma, conseguindo outra terra para essa comunidade. Mas não acontecendo isso, acabou que essa comunidade permaneceu até hoje e a aldeia se tornou permanente e não provisória²⁰.

²⁰ Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XX [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Figura 83 – Recém-chegados ao Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, junho de 1982.

Vimos pra cá em junho de 82. Só em 1983 que a água chegou e cobriu tudo. Não é que a comunidade gostou dessa terra. Naquele tempo a gente não sabia onde a água iria cobrir. Essas coisas a gente não via nada, porque tinha só o rio Paraná. O nosso cacique anterior não entendia a conversa do branco. Enganaram fácil ele. Mas também a Itaipu estava em cima pressionando o cacique. Quem sabia conversar

com o branco e podia reclamar foi deixado de lado, só o cacique assinou, daí a gente não tem mais o direito de reclamar²¹.

Figuras 84 e 85 – Preparação para a mudança 08/06/1982 – começou a mudança 11/06/1982. Ilda Vogado (amamentando)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, junho de 1982.

21 Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXI [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Ele conversou com o Fernando Martinez, Kambai Parããwypoty, que era nosso cacique anterior: ‘você tem que aceitar essa terra, essa aqui é boa pra você viver! Porque lá você só tinha 28 hectares e aqui agora já aumentou a terra de vocês!’ Daí o cacique concordou e assinou um papel. O Luca foi cobrar do Paulo Cunha (Itaipu), mas não tinha mais jeito: ‘Mas o cacique já assinou e entregou pra Itaipu. A Itaipu trouxe ele, trouxe lá do Jacutinga pra ver essa terra.’ Naquele tempo era grande, ele pensou que não ia vir água até aqui. Era um lugar bonito. Ele pensou que não ia vir água, porque tinha arroio, era um mato tranquilo, era bonito antes de vir água. Então o cacique aceitou e assinou o documento sem a comunidade saber.

Quando a gente entrou aí, tudo alegre, a criançada já pulava na estrada, tinha muita nascente, água boa. A gente só limpava e tomava. A gente pensava que ia ser assim toda vida. A gente viu que isso aqui era bom. Fazia armadilha e já pegava um tatu, nambu. A vida era boa²².

22 Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXII [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Figura 86 – Jussara Rezende (Cimi) com os seus filhos Maria e Humberto; o Guarani Lucas Viliálva (primeiro plano) e mais um Guarani não identificado no Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, junho de 1982.

Figura 87 – Criança Avá-Guarani na nova terra



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, junho de 1982.

Ele [Faustino Centurião] falou que eles querem que resolva o problema de terras por causa que a represa Itaipu estragou bastante. Não foi só o Parque [Parque Nacional de Iguaçu, que expulsou os Guarani] que estragou, esta represa estragou a saúde. Essa água parada produz muita doença. Às vezes na época de verão tem bolor, a água tem cheiro forte, mesmo assim a gente toma essa água, não tem outra condição. Mesmo que a gente faça um pocinho do lado, também é água de lago, não resolve nada. [...] Por causa da represa de Itaipu a gente tá sofrendo, não é por causa de ninguém.

Anteriormente tinha água corrente, não tinha veneno, que escorre, se a água fica correndo aí não tem sujeira que fica, vai tudo²³.

Figura 88 – Sem rio, riacho ou fonte d'água, a Itaipu foi obrigada a construir um poço. O rancho protegia a bomba que mandava a água para a caixa d'água. Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1982.

Figura 89 – Casa construída pela Funai para servir de posto de saúde e escola. Os Guarani, no entanto, preferiram dar aula debaixo das árvores. Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1982.

²³ Entrevista concedida por CENTURIÃO, Faustino. Entrevista XXIII [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).

Figuras 90 e 91 – Visita médica à comunidade do Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1982.

Figura 92 – Dois dias após a transferência, uma equipe médica da Funai visitou a comunidade para atendimento médico e odontológico (cadeira de dentista, material para vacinação, aplicação de questionários etc.). Crianças fugiam com medo da vacinação e da cadeira de dentista. A equipe era constituída por médico (Dr. Paulo), enfermeiro, dentista, agrônomo e antropóloga. Sobre a presença da antropóloga, informações obtidas pela equipe do Cimi atestam que havia indícios de que se tratava de agente de inteligência da Assessoria de Segurança e Informação (ASI/Funai), órgão subordinado ao Serviço Nacional de Informação (SNI).
Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, junho de 1982.

Figura 93 – Casemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião junto às caixas de medicamentos fornecidos pela Funai, espalhadas pelo pátio da aldeia.



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, junho de 1982.

Figura 94 – Caixas de medicamentos e seringas espalhadas pelo pátio da aldeia



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, junho de 1982.

Ocorre que a maior parte das terras avistadas pelos Guarani se transformou em lago.

A Itaipu veio avisar que a água iria chegar: ‘Viu cacique, a água já está aí amanhã, pode ir olhando que o rio já vai crescer’. Daí a gente acreditou. O Dr. Cunha falou para avisar quem morava pertinho do arroio para sair de lá porque a água ia subir. Daí o cacique foi lá e falou: ‘Você tem que sair de lá, a Itaipu falou que a água vem, vem até aqui’. Minha casa era pertinho também do lago. Aí ficou metade de minha casa na água. Ainda pertinho do João eu morei naquele tempo, mas chegou até lá a água. Então se a gente pensava que a vida estava bem porque tem mina, tem água boa, erva-mate – não comprava, só sapecava a folha, porque está cheio de erva-mate –, agora a água matou tudo. Até o bicho morreu afogado: tatu, lagarto, nambu, a gente catava morto.

Embaixo da água ficaram umas dez minas de água, que a gente limpou para ter água sempre e agora ficou debaixo d’água. Também a fruta, jabuticaba estava cheio, e o mato era limpo, quando veio a fruta a criançada vai assim no mato tranquilo, tem goiaba, guavirova, jabuticaba, pitanga²⁴.

Figura 95 – Início da formação do lago de Itaipu



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1983.

²⁴ Entrevista concedida por CENTURIÃO, Faustino. Entrevista XXIV [out.1990]. Entrevistadora: Elaine Pereira Rocha, 1990, arquivo. Fita cassete. (30 min.).

Figura 96 – A faixa de marcação do lago de Itaipu



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1983.

Figura 97 – Cecílio Ortiz (camisa de manga curta), João Centurião (atrás) e Casemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião, observando os impactos do enchimento do lago. Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1983.

Figuras 98 e 99 – Troncos recuperados do lago



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1983.

Figura 100 – Antônia Floriano. Atualmente (2020) vive em Santa Helena. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1982.

Figura 101 – Librado (menino) e Lucas Viliálva (ambos já falecidos). Tekoha Ocoy



Figura 102 – Pedro Alves e Bernarda Centurião Alves, com os filhos Cornélio e Cipriano. Tekoha Ocoy. Cipriano atualmente (2020) é cacique do Tekoha Itamarã, município de Diamante D'Oeste. Cornélio é cacique do Tekoha V'ya Renda, município de Santa Helena (PR)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1983.

Figura 103 – Zeferina Viliialva. Atualmente (2020) vive no estado de São Paulo



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1983.

Figura 104 – Eleno Rocha (falecido) e esposa Andressa no Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1982.

Quando viemos ali (Ocoy), chegou Funai e falou que de fazer reunião com Itaipu pra ver uma nova terra. Primeiro, quando nós viemos conhecer o Ocoy, diziam que tinha 200 alqueires, nós vimos pouco. Naquele tempo a gente não sabia mesmo nada. Então pegamos nossas coisas [e mudamos], achamos muito bom [o novo lugar]. Mas depois de 8 dias já vem água. Agora está tudo debaixo d'água. Criaram medo pra sair logo [do Ocoy/Jacutinga], por isso que aceitamos esse pedacinho.

Figura 105 – Kambai Parãrãwypoty Fernando Martinez fazendo ritual de cura no Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1982.

Figura 106 – Reorganização social da nova comunidade do Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1984.

Figura 107 – Reorganização social da nova comunidade do Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1984.

Figura 108 – Com recursos naturais escassos, as casas foram sendo construídas



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1984.

Figura 109 – Com recursos naturais escassos, as casas foram sendo construídas



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1984.

Figura 110 – Maria Benites com as netas Jacilda (com o dedo na boca) e Eugênia Viliálva, filhas de Simão Viliálva. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1993.

Figura 111 – Jacilda e Eugênia Viliálva, filhas do Simão, no Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1993.

Figura 112 – Inocência Benites (esposa de Teodoro Tupã Alves). Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figuras 113 e 114 – Zenilda Pereira (irmã de Cassemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião) descascando arroz no pilão. Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 115 – Virginia Pereira (mãe de Cassemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião, com Daniel Centurião no colo). Zenilda, irmã de Cassemiro, descascando arroz no pilão



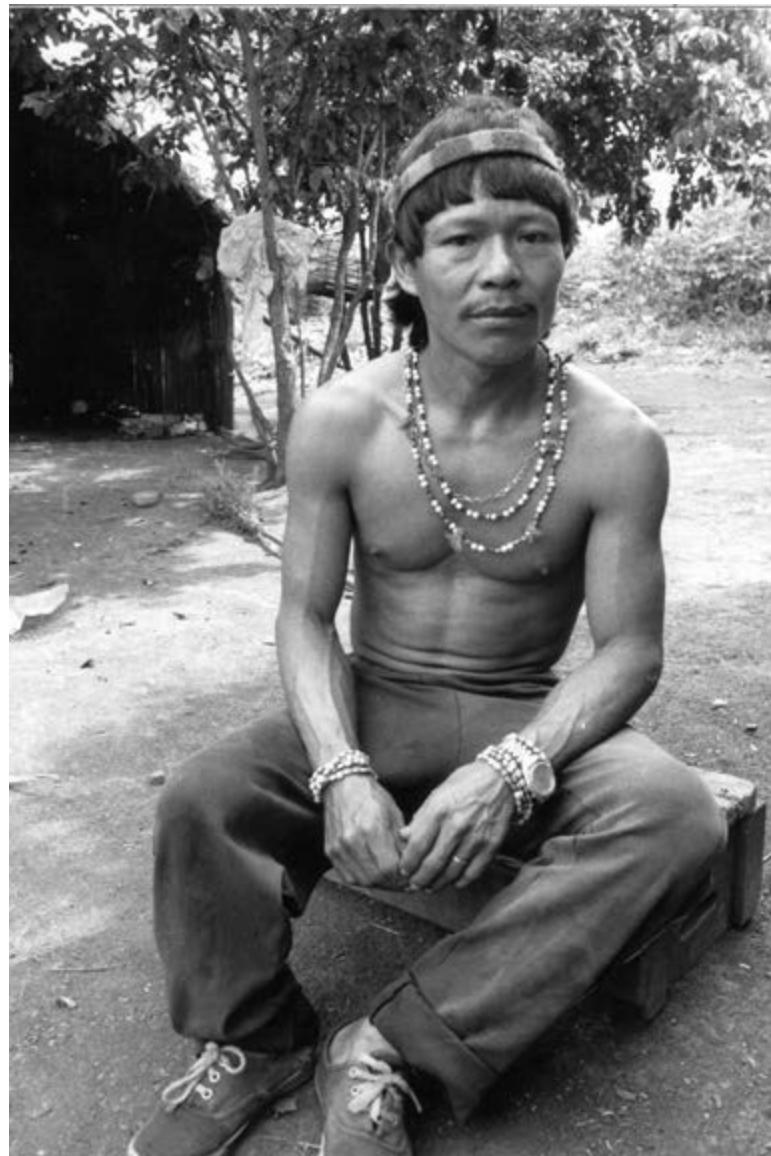
Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 116 – Cassemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião com sua mãe, Virginia Pereira (faleceu em 2018), e com o sobrinho, Daniel Centurião



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 117 – Cassemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião no Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria. Tekoha Ocoy, 1995.

Figura 118 – Cassemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião participando da filmagem do documentário *Povos Indígenas do Sul do Brasil em Vídeo – Buscando a Terra Sem Males*, 1995. Cassemiro sob as torres de transmissão de energia da Itaipu



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 119 – Comunidade reunida, tomando chimarrão. Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 121 – Orlando Centurião e Mateus Centurião (de chapéu). Tekoha Ocoy. Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 120 – Cassemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião (de chapéu). Atualmente (2020) morador no Ocoy; Dionísio (ao centro)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 122 – Vitória. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 123 – Dolores Centurião. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 124 – Felipe Romero (de calça clara) e Rufino Martinez. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 125 – Crianças descascando arroz no pilão. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 126 – Preparativos para o jogo de futebol, no Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1991.

Figura 127 – Maria Benites (1), casada com Gerônimo Alves, falecido (2) – pai de Teodoro Tupã Alves, Pedro Alves, João Alves e Venâncio Tukumboju Alves. Venâncio (3) com a esposa Librata Kunhanhemborari Ju Barrios (4) – pais do atual cacique (2020), Celso Alves do Ocoy. Antônia Alves, criança sentada na frente do Gerônimo (5). Marcio Alves, sentado atrás do Gerônimo (6). Os demais estão sem identificação.

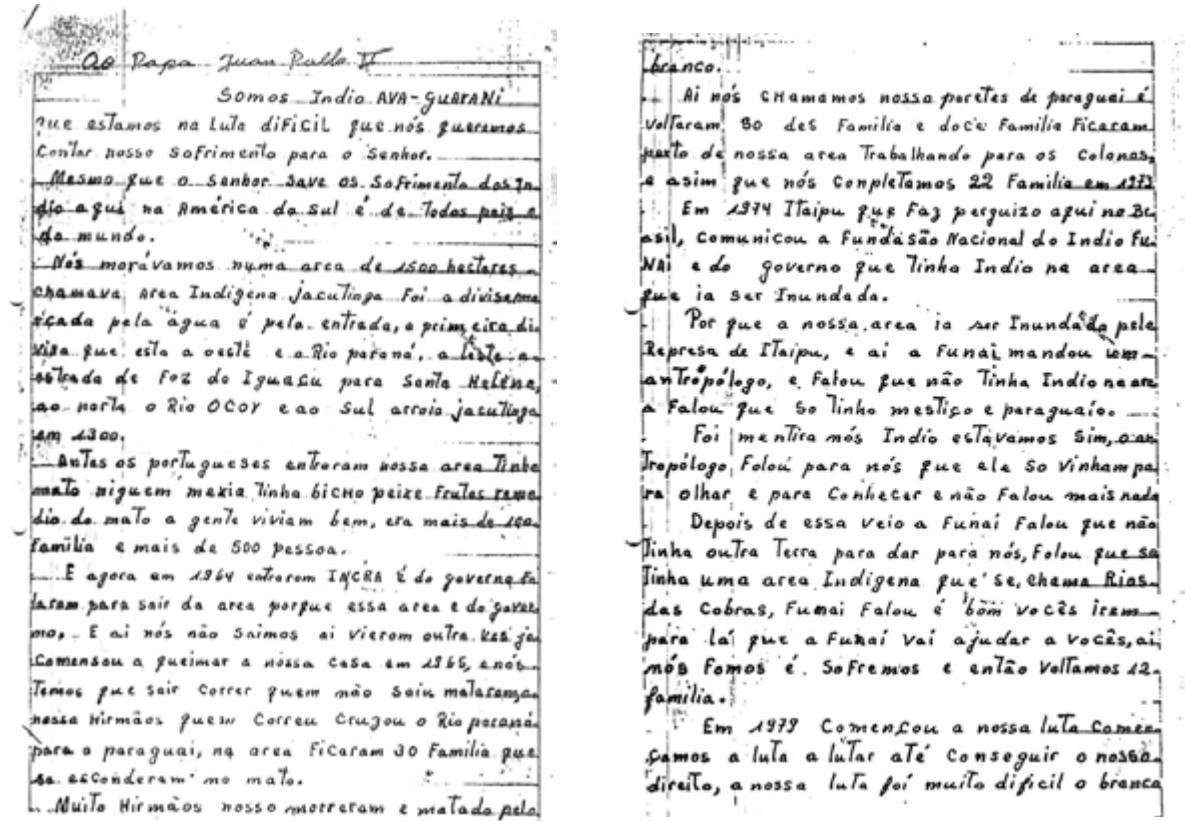


Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1991.

A partir daí começamos a entender que para a liderança, lutar e defender as suas terras tem que reunir liderança, reunir aquela comunidade. A Funai não quer, a Funai não organiza a liderança, a Funai só pega individualmente. A Funai já vai mandando o cacique dizer o que tem que fazer e praticar na aldeia, era assim que funcionava, não era assim a formação, mas a Funai obrigava a liderança pra também obrigar a comunidade a fazer o que a liderança está mandando.

No Guarani quase não aconteceu, porque o Guarani só gosta de ouvir, ele não opina. Quando chega uma pessoa dizendo 'eu quero isso e aquilo', ele não opina, ele só fica analisando. A pessoa só fica falando ali e o Guarani fica observando, ouvindo para depois dar a resposta, os mais velhos são assim²⁵.

Figura 128 – Comunidade Guarani escreve documento ao Papa João Paulo II denunciando a violência e pedindo seu apoio



25 Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXVI [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Transcrição do documento manuscrito enviado ao Papa João Paulo II (Figura 128)

Terra de 251 hectares, hoje nós estamos mais 40 família e mais de 200 pessoa.
 Nós nunca esquecemos de nossa Terra de 1500 hectares e sempre pedimos a Itaipu, agora aonde está nosso mato os bicho peixe as frutas e Terra e o remedio. Porque agora todos mato derruado colonizado pelo Branco.
 Que o Senhor save nossa vida e viver no mato aonde tem alimento natural que o Deus criou para nós neste mundo. Por isso nós Indígena de cada país contamos nossa historia, porque cada país estamos mas criado pelo Branco como o país Paraguai, Brasil, Argentina, uruguai no Amazona para etc.
 Uma pergunta para o Senhor
 OS governo Conprou a Terra, O Deus vendeu para ele?
 Será que o governo de cada país faz como o Deus quere?
 Será que o Deus ordenou para o governo de cada país masacrar a Índio e para matar?
 E Todos isso que nós queremos que o Senhor Responde para nós, agora nós contamos um pedaziinho de Historia porque nos não queremos mais viver nesta situação. Por favor o Senhor ajuda nós Temos muita criança.

Nós queremos a mesma quantia que tínhamos ante que está agora enbaixo da agua, será que o senhor não acha o jeito de conseguir para nós.
 Por que nossa luta já e mais 10 ano, porque já temos direito de conseguir mais de 1500 hectares, porque nós Índio não tinhamos que lutar muito por a Terra, por que a Terra e nosso o senhor save. Area Indígena o cor Municipio São Miguel do Iguassu Paraná Brasil.

12 de maio de 1988
 Area Indígena Ocoy
 Comunidade AVA-Guarani

Sider

Alfredo Centurion
 Agutirindira
 Torzinho Centurion
 Barimiro
 Annylo Amati
 Antonio Acite
 Alexo Bogado
 Abudo Centurion
 Sesthao Bogado

Robinson
 Cinturão Centurion
 Pedro Alve
 Inocencio
 Tony Bogado
 Teodoro Alve
 João Alve
 Luciano Lopes

Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF, 1988.

Ao Papa Juan Pablo II

Somos índio Avá-Guarani que estamos na luta difícil que nós queremos contar nosso sofrimento para o senhor.

Mesmo que o senhor save os sofrimento dos índio aqui na América do Sul é de todos país e do mundo.

Nós morávamos numa área de 1500 hectares chamava área indígena Jacutinga. Foi a divisa marcada pela água é pela entrada, a primeira divisa que está a oeste e o Rio Paraná, a leste é a estrada de Foz do Iguazu para Santa Helena, ao norte o rio Ocoy e ao sul arroio Jacutinga em 1300.

Antes os portugueses entraram nossa área tinha mato ninguém mexia tinha bicho, peixe, frutas, remédio do mato, a gente viviam bem, era mais de 100 família e mais de 500 pessoa.

E agora em 1964 entraram Incra é do governo falaram para sair da área porque essa área e do governo. E aí nós não saímos aí vieram outra vez já comesou a queimar a nossa casa em 1965, e nós temos que sair correr que não saiu mataram, nossos Hirmãos quem correu cruzou o Rio paraná para o Paraguai, na área ficaram 30 família que se esconderam no mato.

Muitos Hirmãos nosso morreram e matado pelo branco.

Aí nós chamamos nossos parentes do paraguai e voltaram 50 des [dez] Família e doce [doze] família ficaram perto de nossa área Trabalhando para os colonos, e assim que nós completamos 22 famílias em 1973.

Em 1974 Itaipu que faz prejuízo aqui no Brasil, comunicou a Fundação Nacional do Índio FUNAI e do governo que tinha índio na área que ia ser inundada.

Por que a nossa área ia ser Inundada pela Represa de Itaipu, e aí a Funai mandou um antropólogo, e falou que não tinha índio na área falou que só tinha mestiço e paraguaio.

Foi mentira nós índios estavamos sim, o antropólogo, falou para nós que ele só vinham para olhar e para conhecer e não falou mais nada.

Depois de essa veio a Funai falou que não tinha outra terra para dar para nós, falou que só tinha uma área indígena que se chama Rios das Cobras, Funai falou é bom vocês irem para lá que a Funai vai ajudar a vocês, aí nós fomos é sofremos então voltamos 12 família.

Em 1979 começou a nossa luta começamos a luta a lutar até conseguir o nosso direito, a nossa luta foi muito difícil o branco terra de 251 hectares, hoje nós estamos mais de 40 familia e mais de 200 pessoa.

Nós nunca esquecemos de nossa Terra de 1500 hectares e sempre pedimos a itaipu, agora aonde está nosso mato os bicho, peixes, as frutas e Terra e o remedio. Porque agora todos mato derruado colonizado pelo Branco

Que o senhor save nossa vida e viver no mato aonde tem alimento natural que o Deus criou para nós neste mundo. Por isso nós indígena de cada país contamos nossa história, porque e cada país estamos massacrado pelo branco como o país Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai no Amazona, Pará etc.

Uma pergunta para o senhor
Os governo comprou a terra, o Deus vendeu para ele?

Será que o governo de cada país faz como o Deus quere?

Será que o Deus ordenou para o governo de cada país masacrar o índio e para matar?

E todos isso que nós queremos que o senhor responde para nós, agora nós contamos um pedazinho de história, porque nos não queremos mais viver nesta situação. Por favor o senhor ajuda nós temos muita criança

Nós queremos a mesma quantia que tínhamos ante que está agora enbaixo da água, será que o senhor não acha um jeito de conseguir para nós.

Por que nossa luta já a mais de 10 ano, porque já temos direito de conseguir mais de 1500 hectares porque nós índios não tinhamo que lutar muito por a terra, porque a Terra e nosso senhor save. Área indígena Ocoy, Município de São Miguel do Iguaçu Paraná Brasil.

12 de maio de 1988

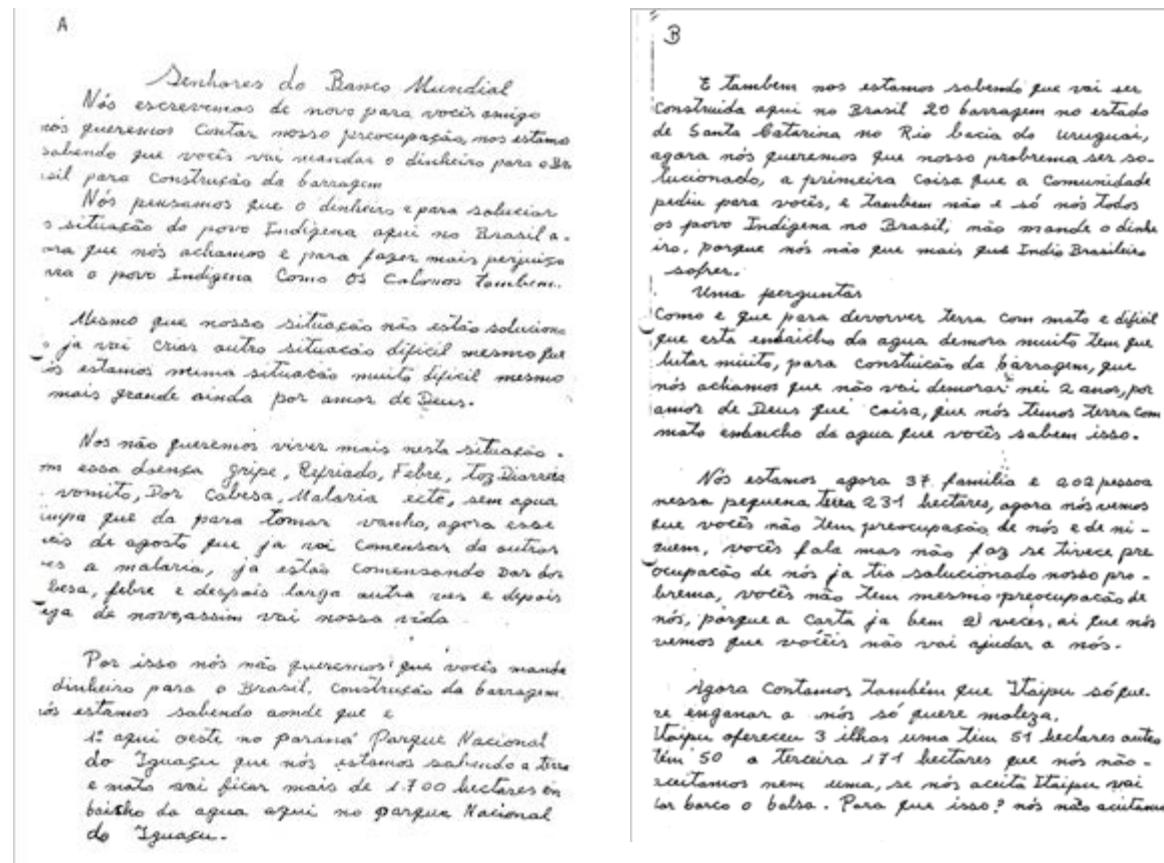
Área indígena Ocoi
Comunidade Avá-Guarani

Líder [assinatura]

Alfredo Centurião
Augustinho
Terezinha Centurião
Casimiro
Angelo Benites
Antonio Acosta
Aleixo Bogado
Orlando Centurião
Sebastião Bogado

Adriano
Eustaquio Centurião
Pedro Alves
Inocência
Jorge Bogado
Teodoro Alvez
João Alvez
Lusiano Lopes

Figura 129 – Comunidade Guarani envia documento ao Banco Mundial, financiador da hidrelétrica, denunciando as violações de direitos. O Banco Mundial envia uma missão para verificar a situação dos indígenas



C

desde isso Itaipu não apareceu mais, porque nós não aceitamos que eles queira dar.

Aí nós não esperamos mais, de repente eles outra vez e falou para nós ai como eles queira

O que é que vocês precisa que Itaipu queira ajudar a vocês que estamos para ajudar ai nós ficamos muito, ai o Doutor Elvino Terra Bosta falou, vocês queira bicicleta, telefone - trator, cavalo, nós não falamos nada

8 depois o vice Cacique Agostinho Martins falou para eles, vocês vai ajudar a nós, T. Itaipu o Doutor falou ai nós estamos para isso então ver a terra com mato para nós o comprar, ai Doutor falou ai a terra é difícil por que Itaipu não tem mais terra, esse foi no dia 22 de junho de 1988.

Aí nós apertamos para eles e apertamos para sua terra com mato, ai nós conseguimos ai ficou Doutor Arnaldo para ver a terra com Funcionários da Fundação Nacional de Índio - FUNAI ai meio de setembro, agora faz mais de um mês, nós achamos que ninguém pra curar Itaipu sem Funai

Agora vocês tem que ver para nós se vai ajudar, até agora não vemos solução

Uma pergunta

Como é que o governo Brasileiro não quer resolver a terra para o povo indígena mesmo que ele já fica gordo enchendo a barriga e o bolso, terra indígena que tem muito dinheiro para ele, madeira ouro petróleo etc.

Agora nós queremos ver a escritura de Terra de America do Sul na mão de governo Brasileiro assinado por Deus nós também vamos rezar e perguntar a Deus nós achamos que o Deus não ordenou para matar os Índio Brasileiro o Deus não quer isso, que nós estamos vivendo neste somos irmãos.

02 de agosto de 1988
Área Indígena Ocoy
Comunidade avá - guarani

Lider

Cacique	Antônio	nota
Pedro Alves	Arístides Centurião	
Agostinho Martins	Terezinho Centurião	
Diogo Chocorro		
Inocencio nota	Aleixo Vagado	
Jorge Bogado	João Anturião	
Angelo Benito	Barimiro Pereira	

Fonte: Acervo do Cimi - Brasília/DF. 1988.

Transcrição do documento ao Banco Mundial (Figura 129)

Senhores do Banco Mundial

Nós escrevemos de novo para vocês amigo nós queremos contar nossa preocupação, nos estamos sabendo que vocês vai mandar o dinheiro para o Brasil para construção da barragem.

Nós pensamos que o dinheiro é para solucionar os situação do povo indígena aqui no Brasil agora que nós achamos é para fazer mais prejuízo para o povo indígena como os colonos também.

Mesmo que nossa situação não estão solucionado já que vai criar outra situação difícil mesmo que nós estamos numa situação muito difícil mesmo mais grande ainda por amor de Deus.

Nós não queremos viver mais nesta situação. Com essa doença gripe, resfriado, febre, toz [tosse] diarreia e vômito, dor de cabeça, malária etc., sem água limpa que dá para tomar banho [banho], agora esse mês de agosto que já vai comessar da outra vez a malária, já estão comessando dar dor cabeça, febre e depois larga outra vez e depois pega de novo, assim vai nossa vida.

Por isso nós não queremos que vocês manda dinheiro para o Brasil. Construção da barragem nós estão sabendo onde que é

1º aqui oeste do Paraná Parque Nacional do Iguaçu que nós estamos sabendo a terra e mato vai ficar mais de 1700 hectares em baixo da água aqui no Parque Nacional do Iguaçu.

E também nós estamos sabendo que vai ser construída aqui no Brasil 20 barragem no estado de Santa Catarina no Rio bacia do Uruguai, agora nós queremos que nosso problema ser solucionado, a primeira coisa que a comunidade pediu para vocês, e também não é só nós todos os povos indígenas no Brasil, não mande o dinheiro, porque nós não que mais que índio brasileiro sofrer.

Uma perguntas

Como é que para devorver terra com mato é difícil que está embaicho da água demora muito tem que lutar muito, para construção da barragem, que nós achamos que não vai demorar nem 2 anos, por amor de Deus que coisa, que nós temos terra com mato embaicho da água que vocês sabem isso.

Nós estamos agora 37 família e 202 pessoas nessa pequena terra 231 hectares, agora nós vemos que vocês não tem preocupação de nós e de ninguém, vocês fala mas não faz se teve preocupação de nós já tia solucionado nosso problema, vocês não tem mesmo preocupação de nós, porque a carta já bem duas vezes, ai que nós vemos que vocês não vai ajudar a nós.

Agora contamos também que Itaipu só quer enganar a nós só quer moleza. Itaipu ofereceu três ilhas uma tem 51 hectares outra tem 50 a terceira e 71 hectares que nós não aceitamos nem uma, se nós aceita Itaipu vai dar barco o balsa. Para que isso? Nós não aceitamos desde isso Itaipu não apareceu mais, porque nós não aceitamos que eles quer dar.

Aí nós não esperamos mais, derrepente eles outra ves e falou para nós aí como eles queres.

O quê e que voceis precisa que Itaipu quer ajudar a vocês que estamos para ajudai aí nós ficamos quieto, aí o Doutor Clovis Ferro Costa falou, vocês querem vicicreta, telefone - trator, cavalo nós não falamos nada.

E depois o vice Cacique Augustinho Martines falou para eles, voceis vai ajudar a nós, Itaipu o doltor falou si nós estamos para isso então ver a terra com mato para nós o comprar, aí doltor falou so a Terra e difícil porque Itaipu não tem mais terra, ese foi no dia 22 de Junho de 1988.

Aí nós apertamos para eles e apertamos para ver terra com mato, aí nós conseguimos aí ficou Doltor Armando para ver a terra com funcionário da Fundação Nacional do Índio - FUNAI até meis de setembro, agora faz mais de um meis, que nós achamos que ninguém procurou Itaipu nem Funai.

Agora vocês tem que ver para nós se vai ajudar, até agora não vem solução.

Uma perguntas

Como é que o governo brasileiro não quer resolver a terra para os povo Indígena mesmo que ele já fica gordo enchendo a barriga e o volso, terra indígena que deu muito dinheiro para ele, madeira, ouro, petroleo ectc.

Agora nós queremos ver a escritura da terra de América do Sul na mão de governo brasileiro assinado por Deus nós também vamos rezar e perguntar a Deus nós achamos que o Deus não ordenou para massacrar os índio brasileiro o Deus não quer isso, que nós estamos vivendo neste somos hirmãos.

02 de Agosto de 1988

Área Indígena Ocoi

Comunidade Avá-Guarani

Líder

Cacique Pedro Alves
Augustinho Martines
Adriano Chamorro
Inocência Acosta

Jorge Bogado
Angelo Benites
Antonio Acosta
Eustáquio Centurião

Terezinho Centurião
Aleixo Vogado
João Centurião
Casimiro Pereira

Se você pedir para o mais velho falar, ele não vai falar, a não ser assim: se você falar uma palavrinha que seja suficiente para mexer com ele, aí ele vai falar. Você fala coisas boas, fala um pouco da vida. Os mais velhos de hoje, eles tinham passado por aquele processo que a Funai fazia na época, por isso que o mais velho já começa assim: ‘eu não vou falar’. O Guarani preserva um pouquinho esse lado, aquele sofrimento que ele passou, não é que ele tem medo, mas ele fala: ‘deixa eu analisar o que realmente está acontecendo’. Por isso ele começa a trabalhar mais coletivo e não individual, porque era assim que ele conseguia sobreviver. Se ele não trabalhasse coletivamente os *Juruá kuéra* derrubariam todo mundo [...]. Então é uma coisa que ficou marcada para os mais velhos. Aqui entre nós mesmo dá para perceber, se falarmos um pouquinho das coisas que acontecia, ele já não vai falar. Se você falar: ‘Nós queremos desse jeito, nos expressamos dessa forma’, aí ele vai abrir o jogo, ele vai falar ‘é dessa forma que hoje nós queremos’. Essa é forma de você se organizar²⁶.

26 Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXVII [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Figura 130 – João Centurião (à esquerda) e Vicente Vogado na Manifestação pela Devolução da Terra, quando da vinda da Missão do Banco Mundial a pedido da comunidade Guarani. São Miguel do Iguazu



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1990.

Figura 131 – Discurso preparado por Alfredo Tupã Nheembouy Centurião para a Romaria da Terra em Medianeira (PR)

DISCURSO PREPARADO POR ALFREDO TUPÃ NHEEMBOUTY CENTURIÃO PARA A ROMARIA DA TERRA EM MEDIANEIRA -PR;

Bom dia para todos.

Hoje estamos aqui com um grupo de índios da aldeia do Ocof de Santa Rosa, município de São Miguel do Iguazu.

Nós estamos aqui participando da reunião de hoje para falar de sofrimento e também para dar apoio à todos antigos Sem Terra.

Ben, agora quem vai falar um pouco é o representante que se chama Alfredo Centurião:

Primeira palavra que eu vou me lembrar é da nossa terra de 1500 ha que ficou em Rio Jacutinga entre o Rio Ocof e que tinha bastante bicho de mato, resédios, frutas, centírios de nossos avós onde diversas famílias de índios que foi enterrado desde antes de 1911 e que agora ficou tudo em baixo da água.

Depois a ITAIPO devolveu 231 ha de terra só é hoje chamamos Aldeia de Ava-Guarani do Ocof onde a família do guarani está sofrendo malária e diversas doenças que não foi descoberta e também não tem alimento para alimentar da fraqueza causada pela doença. A ITAIPO nos deixou nesse pedacinho de terra que não tem bicho de mato, resédios, frutas... não tem nada... nós estamos aqui presos numa vez. E também as ondas da água do lago continua desbarrancando a terra que vai diminuindo e as famílias estão aumentando.

Por isso é que nós queremos 1500 ha de terra com mata para poder sustentar nossos filhos, porque nós, pobres sem terra temos que receber terra com mata para poder viver.

Como é que ainda não recebemos a terra com mata para viver se já faz tanto tempo que estamos lutando e nunca devolveu nossa terra de 1500 ha que foi perdido debaixo da água?

Saben porque nós, pobres, não recebemos terra até hoje? É porque nossos governantes de hoje pegam esse mundo de terra por conta delei, corta e vende em pedacinhos para quem tem dinheiro Como pode acontecer isso? ...

Nosso Deus lá do céu fez esse mundo não para cortar e vender em pedacinhos. O Deus fez esse mundo e deixou de presente para todos nós.

Por isso, nós pobres sem terra, aqui no Brasil, tanto faz lá do Paraguai, Argentina, Bolívia, África, pode ser em qualquer país onde tiver pobres sem terra temos o direito de morar em qualquer parte onde tiver terra e mata de verde.

E também de hoje em diante os governantes devem trocar a idéia de outro jeito, deve pensar e agir de outras formas ao lado dos pobres sem terra porque essa palavra que eu digo agora, nesse momento, é verdade e é verdade e isso é verdadeiro.

É só o que eu falei hoje. Muito Obrigado.

ALFREDO TUPÃ NHEEMBOUTY CENTURIÃO

01/7/89

Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF, 1989.

Transcrição do texto datilografado do discurso de Alfredo Tupã Nheembouy Centurião (Figura 131)

Bom dia para todos.

Hoje estamos aqui com um grupo de índios da aldeia do Ocoí de Santa Rosa, município de São Miguel do Iguçu.

Nós estamos aqui participando da reunião de hoje para falar do sofrimento e também para dar apoio à todos amigos Sem Terra.

Bem, agora quem vai falar um pouco é o representante que se chama Alfredo Centurião:

Primeira palavra que eu vou me lembrar é da nossa terra de 1500 ha que ficou em Rio Jacutinga entre o Rio Ocoí e que tinha bastante bicho do mato, remédios, frutas, cemitério de nossos avós onde diversas famílias de índios que foi enterrado desde antes de 1913 e que agora ficou tudo baixo da água.

Depois a ITAIPU devolveu 231 ha de terra só e hoje chamamos Aldeia do Ava-Guarani do Ocoí onde a família do guarani está sofrendo malária e diversas doenças que não foi descoberta e também não tem alimento para alimentar da fraqueza causada pela doença. A ITAIPU nos deixou nesse pedacinho de terra que não tem bicho do mato, remédio, frutas.... não tem nada...nós estamos aqui presos duma vez. E também as ondas da água do lago continua desbarrancando a terra que vai diminuindo e as famílias estão aumentando

Por isso é que nós queremos 1500 ha de terra com mata para poder sustentar nossos filhos, porque nós, pobres sem terra temos que receber terra com mato para poder viver.

Como é que ainda não recebemos a terra com mato para viver se já faz tanto tempo que estamos lutando e nunca devolveram nossa terra de 1500 ha que foi perdido debaixo da água?

Sabem porque nós, pobres, não recebemos terra até hoje? É porque os governantes de hoje pegam esse mundo de terra por conta dele, corta e vende em pedacinhos para quem tem dinheiro.

Como pode acontecer isso? ...

Nosso Deus lá do céu fez esse mundo não para cortar e vender em pedacinhos. Os Deus fez esse mundo e deixou de presente para todos nós.

Por isso, nós pobre sem terra, aqui no Brasil, tanto faz lá do Paraguai, Argentina, Bolívia, África, pode ser em qualquer país onde tiver pobres sem terra temos o direito de morar em qualquer parte onde tiver terra e mato de verde.

E também de hoje em diante os governantes devem trocar a ideia de outro jeito, deve pensar e agir de outras formas ao lado dos pobres sem terra porque essa palavra que eu digo agora, nesse momento, é verdade e é verdade e isso é verdadeiro.

É só o que eu falo hoje. Muito obrigado.

ALFREDO TUPÃ NHEMBOUY CENTURIÃO
01/07/89

Figura 132 – Mulheres em cerimônia religiosa ritmados pelo *Takuapy*. Tekoha Ocoy. Nem todas as pessoas foram identificadas



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 133 – Filmagem para o documentário *Povos Indígenas do Sul do Brasil em Vídeo – Buscando a Terra Sem Males*. Gerônimo Vogado, falecido em 2019, em primeiro plano, e seu filho Vicente Vogado em segundo plano. Os demais sem identificação. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 134 – Ritual do Xondaro. Filmagem para o documentário *Povos Indígenas do Sul do Brasil em Vídeo – Buscando a Terra Sem Males*. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 135 – Filmagem para o documentário *Povos Indígenas do Sul do Brasil em Vídeo – Buscando a Terra Sem Males*. Sem identificação individual. Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1995.

Figura 136 – Jovino, Damásio Martinez (tio de Agostinho) e Paulo Venegas (faleceu no Ocoy). Reunião da Ñemboaty Guasu Guarani no Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1994.

Figura 137 – Reunião da Ñemboaty Guasu Guarani no Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1994.

Figura 138 – Jacilda e Eugênia Viliálva, filhas de Simão, no Tekoha Ocoy



Figura 139 – Jacilda Viliálva, filha de Simão, no Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1993.

ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS



Eu comecei a trabalhar na sala de aula quando eu tinha 16 anos, foi na aldeia Ocoy, primeira aldeia depois da construção da hidrelétrica de Itaipu. Era a primeira aldeia reconhecida novamente pelo Governo Federal. O Ocoy era uma comunidade com o número bem pequeno, eram 17 famílias. Isso foi há 30 anos.

Na época, existiam vários sistemas de impedimento de qualquer organização social Guarani. A Funai proibiu reuniões da liderança e até mesmo da comunidade. A Funai era organizada através de um sistema militar, da época do governo militar. Então, o objetivo da Funai era mesmo controlar, monitorar a organização. A liderança da comunidade tinha que fazer reunião no meio do mato, escondida. Era escondido da Funai que a liderança organizava grupos para a formação de liderança. A Funai não aceitava isso porque ele achava que a comunidade não poderia se organizar de acordo com os seus interesses; na cabeça da Funai isso era mais forte. Por pressão da Funai, a liderança já tinha organizado o espaço educacional como a escola, só que a escola não era decidida pela comunidade, a comunidade não queria daquela forma. Era uma escola cedida pela Funai, totalmente ao contrário do que a comunidade achava que tinha que ser a escola indígena.

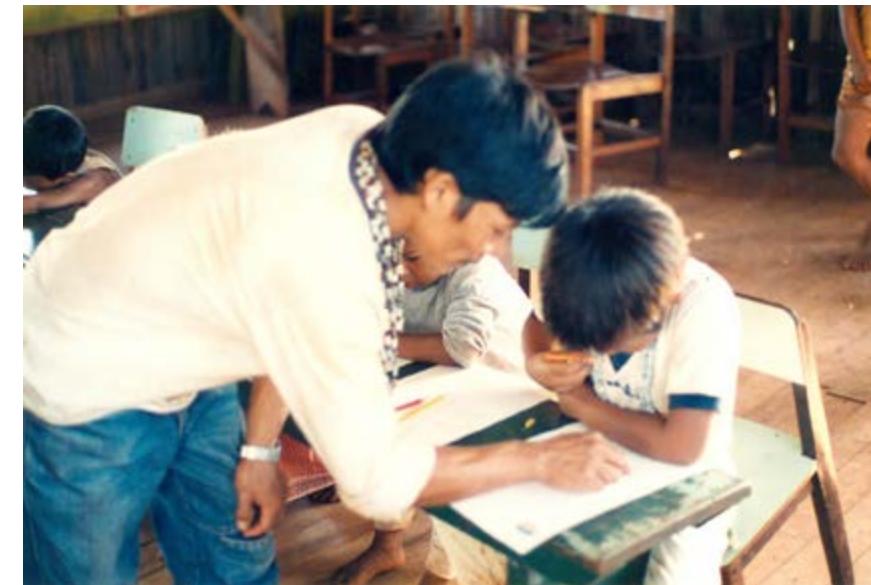
Na verdade, nem se chamava escola indígena, se chamava escola da Funai. A Funai que era responsável por isso. A professora que ensinava os alunos, a criança Guarani, era da Funai. Ela chegou até a proibir a conversa e a fala em Guarani das crianças na sala de aula.

Eles não deixavam, proibiam as crianças conversarem entre elas na língua Guarani. Isso levou a comunidade a se revoltar na época, porque uma escola para ensinar, tem que ensinar e não proibir uma língua que já é do costume da comunidade, mas a Funai começou a querer cortar isso de imediato. Por pressão da Funai, a liderança já tinha organizado o espaço educacional como a escola, só que a escola não era decidida pela comunidade, a comunidade não queria daquela forma.

A partir daí, gerou uma revolta na comunidade. A liderança se reuniu para buscar uma solução, alguma coisa vai ter que ser feita, não podia continuar desse jeito. Para a troca desse sistema, a comunidade tinha que pensar como deveria ser,

alguém terá que assumir, ser professor, até mesmo para trabalhar com os alunos como professor. Só que naquela época, naquele período não tinha ninguém formado para que fosse reconhecido como professor profissionalmente para que o município contratasse. Não tinha essa pessoa.

Figura 140 – Prof. Cassemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião ministrando aula



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1989.

Quando a comunidade indígena vivia em Jacutinga e na linha guarani [Guarani Kue], não tinha escola. Naquela comunidade, a criança estudava fora da aldeia. Não tinha assistência à saúde, nem escola. O governo não tinha programas de apoio àquelas comunidades da forma que o governo tem hoje. Na época, a comunidade indígena não era vista, não era reconhecida, parte mais para o lado do preconceito, da discriminação. Isso afetou até o Ocoy, essa falta de atendimento às comunidades

da região. Porque não tinha pessoa para assumir uma sala de aula, não tinha pessoa para assumir uma sala de saúde como temos hoje²⁷.

Figura 141– Escola indígena. 1 - Mateus (falecido irmão de Cassemiro); 2 - Carmilo Acosta; 3 - Ernesto, filho do Teodoro Alves; 4 - Livino Martins



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1989.

Se não tivesse uma pessoa formada para acompanhar as causas indígenas da época, a gente não teria saída, porque não teria uma pessoa para fazer reuniões, fazer capacitação ou fazer formação de liderança daquele grupo. A partir daí surgiu o Cimi [Conselho Indigenista Missionário], acho que a liderança solicitou a vinda do Cimi para ajudar esse grupo ou através de algumas informações. O Cimi é uma entidade, não é governamental, que começou fazer essa formação de liderança e até mesmo a formação do grupo. Eu não me lembro exatamente a partir de qual reivindicação que o Cimi havia chegado lá para trabalhar com a gente, mas alguém havia solicitado a vinda do Cimi para o Ocoy na época. A partir disso tínhamos nos reunido, lógico que escondido, mas nos esforçamos bastante para ser alguma coisa daquele grupo. Na época eu tinha 17 anos para 18 anos. Conseguimos reunir o número máximo de pessoas para discutirmos isso, quanto à educação, quanto à saúde, quanto à demarcação de terra. O papel do Cimi na época era de formar liderança, formar professores. Na verdade, formar pessoas para assumir de imediato alguma coisa, fazer alguma coisa de imediato. Naquela época, a comunidade se encontrou atropelada, digamos assim, por parte do sistema que vem da decisão tomada pelo Governo Federal principalmente²⁸.

²⁷ Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXVIII [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

²⁸ Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXIX [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Figura 142 – Formação de professores e lideranças indígenas promovida pelo Cimi. O Cimi utilizava a Pedagogia de Paulo Freire. Vê-se: Inocêncio Acosta (1), Francisco (2), Casemiro Pereira (3), Ângelo Benites (4), Terezo Centurião (5), pessoa de boné não identificada (6), Vilma Raimundo – Cimi (7), Maria Inês Minatel – Cimi (8), Teodoro Alves (9), pessoa não identificada (10), Orlando Centurião (11) e outra pessoa não identificada (12)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1989.

Figura 143 – Curso de formação de lideranças com os mais velhos. Teodoro Tupã (1), Eustáquio Centurião (2), Ângelo Benites (3), Terezo Centurião (4), Cassimiro Pereira (5), Orlando Centurião (6), Frederico Peres ou Antonio Acosta (7), Inocêncio Acosta (8) e Cecílio Ortiz Canhete (9)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1989.

Figura 144 – Curso de formação de liderança para pensar o currículo diferenciado da escola indígena, que aconteceu entre 20 e 23/05/92, em Medianeira/PR. Casemiro Pereira (1), Jorge Martino (2), Teodoro Tupã Alves (3), Gervásio Benites (4); Antonio Acosta (5) e Alfredo Centurião (6)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1993.

E o professor do Ocoy na época não tinha liberdade para trabalhar na sala de aula, mesmo que a comunidade me escolha como professor, eu não tinha liberdade para trabalhar. O município dizia que a sala era da Funai, então se a comunidade quiser trabalhar com os alunos e dar aula para os alunos em Guarani, tinha que buscar outro lugar. E a comunidade começava a limpar embaixo da árvore, fazia banquinho assim para eu trabalhar²⁹.

²⁹ Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXX [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Depois, (Cimi) passou a organizar pessoas com o objetivo de apresentar uma proposta na Constituição de 1988. Essa era a organização das pessoas, das lideranças no Ocoy. Na época, o Cimi sabia muito bem que teria oportunidade de uma comunidade indígena ou comunidades locais de apresentar a sua proposta, de como teria que funcionar a escola, como a saúde teria que ser e até uma oportunidade de uma organização social participar publicamente.

Organizamos as lideranças e os professores da comunidade com o objetivo de apresentar propostas na Constituição de 1988. Então, a proposta cai [se estende] no Estatuto do Índio, já com a colaboração de como a escola indígena deve funcionar. De certa forma, com essa organização nós contribuimos também para algumas propostas da Constituição de 88 junto com a organização geral dos povos indígenas. Eu tenho certeza disso, porque nós participamos de vários encontros a respeito desse tema e debatemos muito sobre como a gente teria que pensar para levar uma educação indígena como queremos, como a comunidade quer e de como a escola vai contribuir com a sociedade indígena. Esse foi o ponto principal que discutimos. Eu acredito que isso não colaborou só naquele momento, isso colabora até hoje. Porque com essa ideia que tivemos, ela prevaleceu até hoje. Eu estando na escola ou estando nessa comunidade, eu posso exatamente lembrar de tudo aquilo que foi feito naquela época, no Ocoy eu posso relembrar uma pessoa, lembrar novamente daquela história, do início do Ocoy e até mesmo o início da escola.

Com isso, a gente consegue levar hoje o jovem a entender o que é realmente uma luta. Na luta você perde ou ganha, mas nunca é derrotado. Da mesma forma um time que joga futebol, você perde o jogo, mas você não é derrotado totalmente, a união daqueles jogadores nunca é derrotada, você pode tentar outra hora³⁰.

³⁰ Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXXI [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Figura 145 – Curso de formação de lideranças. Agachados: Teodoro Alves (1), Casemiro Karai Verá Poty Pereira Centurião (2), Alfredo Centurião (3). Em pé: Antonio Acosta (4), Gervásio Benites (5), Jorge Martino (6), Rosa Helena Dias da Silva – profª. na UFAM, à época doutoranda na USP (7), Ria Klerx – Cimi (8)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1993.

Figura 146 – Jornal noticia a elaboração do currículo pelos professores Guarani



Fonte: Jornal Nosso Tempo, Foz do Iguaçu, 06/06/1994.

Figura 147 – Documento dos professores indígenas sobre currículo escolar da escola do Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. 1995

Transcrição do texto datilografado dos professores Guarani se posicionando sobre o currículo escolar (figura 147)

DOCUMENTO

Em junho de 1994, nós professores e lideranças da comunidade Guarani Ocoy, estivemos reunidos no nosso primeiro encontro de estudos sobre currículo escolar.

Nesta ocasião estivemos conversando sobre vários temas ligados à educação.

Vimos que aprendemos a viver através da família. Exemplo: o pai dá conselho aos filhos como respeitar os mais velhos e obedecer o pai. Primeiro pai e a mãe, depois dentro da comunidade, as lideranças. Crianças já vem aprendendo a falar na casa com a família, vem crescendo para ele ser educado pela comunidade e lideranças. Já vai participando nas atividades da comunidade

Também pensando sobre a questão se já existia educação na originalidade, para que então serve escola atual?

Chegamos a conclusão que a escola serve para aprender bem ler e escrever a língua Guarani, também aprender a língua do branco. A atual escola vem fazendo valendo para os alunos e também para incentivar a comunidade defender a cultura Guarani .

A Escola deve ser primeiro para ensinar em Guarani, ser respeitada pelo aluno e a comunidade e também pelos brancos.

Para conseguir a escola foi através da decisão da comunidade com a participação, com os mais velhos e também Nhandaru.

A maior dificuldade foi no início do funcionamento da escola na época da plantação. Professor e lideranças tem que trabalhar na roça.

No meio de tudo esta dificuldade uma parte está sendo aproveitado a chegar como objetivo surgido pela comunidade e agora nós já temos professor próprio e a criança continua e continuará aprendendo. Não tem como parar.

Sabemos que precisamos construir e garantir nosso próprio currículo escolar onde esteja escrito o nosso jeito de aprender e ensinar na escola.

Temos pensado e feito muito sobre isso.

O currículo está sendo feito com a participação da comunidade, os mais velhos, lideranças e os professores.

Serve para capacitar o andamento da escola Guarani e a forma de trabalhar junto com o aluno.

O currículo que estamos usando é da forma determinada pela comunidade, o jeito de vivência e respeitando os costumes.

Antes que o branco chegue já existia educação. Da família e da comunidade e lideranças que é nosso sistema Guarani. Como educação tradicional aprendemos com o nosso pai e

mãe juntamente com a comunidade lideranças e velhos, para que a criança entender o que é a comunidade. Antigamente a comunidade tem o nome. A comunidade chama de TEKOA.

No início a escola funcionava debaixo de uma árvore. Como a comunidade se interessou muito de ter uma escola Guarani, escolheram um professor próprio do grupo. Na aldeia Avá-Guarani a Itaipu construiu uma escola e a Funai tomou conta da escola Avá-Guarani e colocou professora branca, sem a comunidade saber. Depois a comunidade perceber que não deu certo porque professora queria mudar o sistema Avá-Guarani para sistema Branco. Não falar mais em Guarani as crianças. Tem que falar em português. Em 1983 a comunidade expulsou a professora da área e daí a escola ficou parada.

Em março 86 os professores de adultos se reúnem para conversar sobre os problemas e sobre o material para continuar a escola.

A comunidade tem hoje 12 professores indígenas

Reunidos novamente agora no nosso segundo encontro, nos dias 28 a 30 de abril 1995 continuamos a pensar como queremos fazer nossa escola indígena Guarani.

Queremos colocar neste documento um pouco daquilo que estivemos pensando e discutindo para que seja conhecido e respeitado os nossos direitos.

Achamos que é necessário a escola porque na escola a criança aprende a ler e escrever. Se aprende a História. A se comportar na família. Aprende a preservar cultura e respeitar religião. Aprende muita coisa. E também reforçar a luta para enfrentar o branco.

Para nós a escola é um instrumento para nos defender, conhecer e entender melhor o mundo do branco para enfrentar as políticas contrárias e proteger a nossa cultura.

Sobre os conhecimentos que a escola vai ensinar deve estar voltado para as necessidades da comunidade. Buscar fazer especificar a forma para ser reconhecido como escola indígena.

Continuar sempre professor Guarani, ensinando em Guarani, como a comunidade quer. Também a comunidade tem que exigir para que a escola seja respeitada pelo branco.

Nosso jeito de ensinar é com muito paciência sempre usando a própria palavra. Não forçar muito a criança na hora de dar aula. Contando história da comunidade. Continuando participar dos trabalhos da comunidade e das lideranças. Respeitando as regras de acordo com a comunidade

Professores, lideranças e comunidades precisam andar juntos, dar apoio. São as autoridades da escola, como um conselho que dirige a escola.

Nosso jeito de avaliar é manter a paciência, usar característica de não deixar o aluno fazer sozinho ou mesmo sair fora do objetivo.

Professor pode repetir várias vezes com aluno, conversar bastante durante a aula, voltar sempre, lembrar o que foi dado ontem.

Também a comunidade participa da avaliação.

Nosso calendário escolar deve levar em conta:

- O tempo das colheitas
- Quando o professor fica doente até que ele recupera a sua saúde
- Quando é dia de muita chuva
- Os dias de reunião

Deve respeitar os dias sagrados do próprio Guarani

Na nossa organização (Nhemboaty Guasu Guarani - NGG) já discutimos estes temas e temos a seguinte proposta:

- * Educação deve ser bilíngue e alfabetização em Guarani.
- * A escola deve ser diferente da oficial, os professores devem ser Guarani e devem respeitar os costumes e as tradições dos Guarani.
- * Todas as decisões de como deve funcionar a escola terá que ser discutida com as comunidades.
- * A escola deve ensinar a história do povo Guarani para as crianças, para garantir a continuidade da memória e da cultura Guarani.
- * É importante de conhecer o mundo do povo branco, para que não sejamos prejudicados e enganados, para melhor lutar, saber negociar, exigir os direitos etc.
- * Ter troca de experiências entre as várias escolas Guarani, com objetivo de ter uma escola Guarani unificada.
- * Que as escolas Guarani sejam reconhecidas oficialmente.

Sabemos que na Constituição de 1988 está escrito:

“São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

No artigo 210 está assegurado as comunidades indígenas o uso das suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Existem também várias leis que garantem nosso direito de educação diferenciada como o decreto 26, a portaria 559 e a Diretrizes Para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena do MEC.

Por tudo isso, queremos que nossa escola seja reconhecida e respeitada por todos.

Aldeia indígena Guarani Ocoy
30 de abril de 1995



CONSTRUÇÃO DE ALIANÇAS



Figura 148 – Amilton Lopes, Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul, prestando apoio aos Avá-Guarani, no Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1994.

Figura 149 – Vera Kuxuí / Antônio Branco, à época (hoje falecido) cacique da Aldeia Guarani Serra dos Itatins/Cabeceira do Rio de Azeite. Itariri -SP, acompanhando a pesquisa antropológica no Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 150 – Vera Kuxuí / Antônio Branco, da TI Itariri/SP, com dona Francisca, no Tekoha Ocoy



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Para o Governo Federal, só a Funai poderia estar na aldeia, o Cimi eles não queriam. O Cimi, como não era governamental, começou a ser proibido de entrar nas aldeias, não só no Ocoy. Aquele período o governo pensava em cortar a formação de liderança na aldeia, porque o objetivo do Cimi era a organização da liderança, a organização social daquela comunidade. Nós tínhamos participado também lá em Mato Grosso do Sul da formação de liderança que o Cimi vinha fazendo, só que com mais tempo, não como o caso do Ocoy na época. Por isso que a gente participava do encontro de liderança lá em Mato Grosso do Sul, e íamos vendo e entendendo melhor a participação do Cimi na aldeia. A Funai também queria colocar na cabeça da liderança que não era para o Cimi participar ou entrar na aldeia. Essa era a jogada da Funai na época [...] ³¹.

³¹ Entrevista concedida por ALVES, Teodoro Tupã. Entrevista XXXII [maio.2017]. Entrevistadora: Regina Pinto de Vasconcelos, 2017, arquivo. mp3. (40 min.).

Figura 151 – Telegrama confidencial da 4ª Delegacia Regional da Funai (Curitiba) ao presidente do órgão relatando a presença de pessoas do Cimi na aldeia Ocoy, no dia 09 de junho de 1982. A Funai tinha sua Assessoria de Segurança e Informação (ASI) subordinada ao Serviço Nacional de Informação (SNI) para espionar os trabalhos de pessoas “subversivas” e, nos casos de ameaças, podia acionar a Polícia Federal para prender, torturar e até eliminar os indivíduos caso considerasse relevante

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO <i>Pastor, CIMI</i>		- M I N T E R - FUNAI BRASÍLIA - DF 0 9 JUN 1982 CONTINUA 2) Nº 298154
RADIOGRAMA RECEBIDO		
DE	CWB	NR 80
FLS	50	BT 09-
HS	1500	
RECEBIDO DE	CWB	AS 091000 POR JF-MBO
ENRECE	CONFIDENCIAL DOO/ASI/BSB	
TEXTO E ASSINATURA	<p>NR. 13/4ADR/GAB DE 09-06-82 PT INFO SE ENCONTRA NA NOVA ALDEIA INDIOS AVA GUARANI VG SAO MIGUEL IGUAÇU/PR VG REPORTERES REVISTA ISTO É ET ELEMENTOS CIMI SUL JUSSARA CAPUCCI ET ALBERTO CAPUCCI PT EQUIPE FUNAI PROSQUE - TRABALHOS NORMAL PT SOL INSTRUÇÕES ADOTAR PRESENÇA TAIS ELEMENTOS EM AREA ASSISTIDA PT - DEL 4ADR-</p> <p><i>Presidência de- nunciou ofício Agf</i></p> <p><i>Uldes 09.06.82</i></p> <p>ASI/FUNAI N.º 4.551 EM 09/106182</p>	

Fonte: Arquivo Nacional – Brasília. DF. Arquivo ASI/Funai - Missões Religiosas Cimi, 1982.

Figura 152 – Ofício do bispo diocesano de Foz do Iguaçu, Dom Olívio Aurélio Fazza, ao presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, exigindo explicações sobre as ameaças que a equipe do Cimi vinha sofrendo de um funcionário da Funai, como ameaças de expulsão do Ocoy. Mar. 1983

<p>Diocese de Foz do Iguaçu Bairro Maracanã - Cx. Postal 793 Telefone (0455) 73-2902 85.890 FOZ DO IGUAÇU - PARANÁ</p>	<p><i>Guarani - Ocoy - PR</i> Conselho Indigenista Missionário CIMI REGIONAL SUL SETOR DE DOCUMENTAÇÃO</p>
CF. Nº 01/83	Foz do Iguaçu, 10 de março de 1983
Excelentíssimo Senhor Coronel	
Venho respeitosamente à presença de V.Excma. a fim de transmitir-lhe as informações que seguem e solicitar seu importante esclarecimento:	
<p>1) A pedido da Comunidade Avá Guarani, situada no Município de São Miguel do Iguaçu, nesta Circunscrição Eclesiástica, a Diocese / de Foz do Iguaçu, designou as Irmãs Maria Del Rosario Costanzo, Maria Del Pilar / Hálon e Maria Vitória Arana, para o atendimento dos referidos indígenas, que as aceitaram e desejam a presença das mesmas em seu meio conforme carta por elas a mim dirigida em 15/02/83 e outras manifestações das mesmas, insistindo na permanência das religiosas em que aldeia.</p> <p>2) De fato de notificação verbal de funcionários ligados à 4ª Delegacia Regional do órgão, exigindo a retirada das Irmãs de sua zona.</p> <p>3) Venho solicitar à V.Excma. a oposição das razões que levou a Funai a agir assim, isto é, porque deseja retirar as Religiosas / do meio dos Índios.</p> <p>Esperando ser atendido, anticipo agradecimentos e desejo à V.Excma. felicidade pessoal e muito êxito no desempenho de sua importante missão.</p>	
Cordialmente	
<p><i>Olívio Aurélio Fazza</i> Dom Olívio Aurélio Fazza Bispo Diocesano de Foz do Iguaçu</p>	
<p>Emo. Sr. PAULO MOREIRA LEAL D.D. Presidente da FUNAI BRASÍLIA</p>	

Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF, 1983.

Figura 153 – Telegrama do presidente da Funai em resposta ao ofício do Bispo Diocesano de Foz do Iguaçu, 28/03/1983.

Conselho Indigenista Missionário
CIMI REGIONAL SUL
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO

PR.OC.GI.6g/06

17793 Z PRFI
17754 C PRCTO
29/1852
2020 XPC04669 29 1841
CURITIBA/PR

0 224

329.1841

935TXCTAA BR
611344FNAI BR
DE BRASILIA NR 1151 290383 12 00

DIOCSE DE FOZ DO IGUAÇU
CAIXA POSTAL 793
FOZ DO IGUAÇU- PR

372/FZ/AGESP DE 28.03.83 - ACUSO RECEBIMENTO CARTA DATADA DE 10/03/83 EM QUE V.EXCIA REVMA INFORMA QUE TRES IRMAS FORAM RETIRADAS DA AREA DO MUNICIPIO DE SAO MIGUEL DO IGUAÇU POR NOTIFICACAO VERBAL DE FUNCIONARIOS DA 4A. DELEGACIA REGIONAL DPA FUNAI EM CURITIBA PT ESTA PRESIDENCIA ESTAH SE INTEIRANDO DOS FATOS DE MODO A PERMITIR RESPOSTA A V.EXCIA REVMA PT PAULO MOREIRA LERAL PRESIDENTE FUNAI

935TXCTAA BR
611344FNAI BR



HNNK

17754 C PRCTO
17793 Z PRFI

FAMIA FONADO
TELEFONE PARA A
E PAQUE DEPOIS.

TELEGRAMA FONADO
E COMO. TELEFONE PARA A
ECT HOJE E PAQUE DEPOIS.

Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF, 1983.

Figura 154 – Sergio Ortiz (com chapéu claro), Cecílio Ortiz e Kambai Parãrãwypoty Fernando Martinez (de costas), Pedro Zilles (de boné invertido)



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 155 – Arroio Jacutinga próximo a sua foz no rio Paraná, limite sul do Tekoha Ocoy/Jacutinga. Agora, tudo isso está no fundo do lago da Itaipu. Jussara Rezende (Cimi) com seus filhos Humberto e Maria junto ao arroio Jacutinga. Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

Figura 156 – Arroio Jacutinga próximo a sua foz no rio Paraná, limite sul do Tekoha Ocoy/Jacutinga. Agora, tudo isso está no fundo do lago da Itaipu. Alberto Capucci (Cimi), com os filhos Humberto e Maria. Tekoha Ocoy/Jacutinga



Fonte: Acervo do Cimi – Brasília/DF. Sem informação da autoria, 1981.

UTOPIA E ESPERANÇA



A violência historicamente imposta aos Guarani, que resultou na desterritorialização e desagregação de inúmeras comunidades, não foi ainda mitigada ou reparada. As medidas adotadas nos últimos 38 anos (se contarmos desde 1982 quando os Guarani foram reassentados no atual Tekoha Ocoy) pelos órgãos do Estado brasileiro como Funai, Itaipu, Incra e Governo do Estado do Paraná ficaram aquém dos danos causados e sequer conseguiram mitigar os desdobramentos que os novos contextos geraram. O Tekoha Ocoy, de lugar provisório, passou a permanente, se revelou espaço exíguo, superpopuloso e contaminado de veneno usado nas lavouras vizinhas à Terra Indígena. As duas pequenas terras compradas na região pela Funai (Itamarã) e Itaipu (Añetete) estão saturadas populacionalmente, já não comportam novas famílias. Como resposta emergencial às condições impostas, os Guarani reocuparam parte dos antigos tekoha kuéra alagados, pequenos fragmentos das terras mutiladas pela represa e pelo agronegócio. São tentativas de solucionar os desafios ignorados pela Itaipu e Funai e continuar mantendo o Teko, ou seja, o modo de vida Guarani. Somente do Ocoy foram desmembrados/formados sete novos tekoha kuéra, sendo que cinco seguem em forma de acampamento à espera de solução do órgão indigenista. Todas as terras retomadas enfrentam ações judiciais de reintegração ou manutenção de posse. Sem a criação desses novos tekoha kuéra, o Ocoy teria se transformado em espaço urbano.

Programas assistenciais desenvolvidos pela Itaipu junto às comunidades não alteraram a realidade, apenas atenuaram pequenos contextos, como de moradia e fome. Hoje, em todas as comunidades, barracos de lona somam mais que casas construídas. Sequer há material nativo para construir novas casas.

Na região de Guaira e Terra Roxa são ao menos 14 comunidades vivendo em forma de acampamento, em contexto de violência. Os estudos para o reconhecimento dos direitos à terra seguem em disputa judicial e políticas. Porém, o principal problema é a omissão total do Governo Federal em defender o direito dessa população. A Funai, ao invés de defender os direitos Guarani amparados na Constituição Federal, prefere atender aos interesses do agronegócio. É aviltante a postura desse órgão, tanto

na esfera política administrativa como judicial. Se o Brasil avançou no reconhecimento dos direitos dessas populações, a Funai (Governo Federal) age para não os concretizar.

A configuração da agricultura regional também se alterou nas últimas décadas. Hoje a lavoura mecanizada com abusivo uso de veneno e adubação química era uma realidade ainda incipiente nos anos 1970. O efeito dessa forma de agricultura sobre as minúsculas terras Guarani é, sem dúvida, catastrófico. O milho tradicional Guarani (avaxi etei) já está contaminado com o milho transgênico dos vizinhos.

Os vários registros de violações de direitos registrados e sistematizados pelas Comissões Estadual e Nacional da Verdade são provas cabais de crimes praticados em conluio entre órgãos públicos e empresas privadas. As referidas comissões, bem como a Comissão Guarani da Verdade, fizeram diversas recomendações de reparações e indenizações que precisam ser implementadas.

Os grandes crimes praticados pelos governos ditatoriais ainda não estão devidamente reconhecidos pelos governos civis e muito longe de serem reparados. Os Guarani seguem sendo a parte mais vulnerável da ação perversa do Estado racista que não titubeia em ser conivente com a elite econômica, mesmo que isso implique desrespeito total à Constituição Federal de 1988 e à Convenção 169 da OIT.

Apesar da violência histórica e dos crimes atuais, os Guarani seguem existindo e fazendo história. Uma teimosia convicta de que o mundo externo (mundo dos brancos) não interessa. As tecnologias são bem vindas até onde não modifica radicalmente o modo de vida, que os transforma em escravos do trabalho. A resistência é econômica, num enfrentamento permanente da economia de mercado/tepy (literalmente “vingança”) com a economia de reciprocidade/Jopói (literalmente “mãos abertas”). A resistência é cultural, pela relação com meio ambiente a sua sabedoria em continuar a vida comunitária no que ainda resta de ambiente nativo na região. A resistência é também religiosa, pela crença no universo sagrado através da intermediação dos Oporaíva (Xamãs). Até quando conseguirão sobreviver e transmitir sua cultura e seus saberes às gerações mais jovens? Sabemos que a sobrevivência cultural não ocorre sem a terra, sem a natureza e sem o território.

IMAGEM E MEMÓRIA DOS
Avá-Guarani
PARANAENSES

Apoio



CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

EDUNILA

Editora da
Universidade Federal da
Integração Latino-Americana

Av. Tancredo Neves, 6731 – Parque Tecnológico Itaipu (PTI),
Bloco 4, Espaço 2
Caixa Postal 2044
Foz do Iguaçu – PR – Brasil | CEP 85867-970
Fones: +55 (45) 3529-2749 | 3529-2770 | 3529-2788
editora@unila.edu.br
www.unila.edu.br/editora